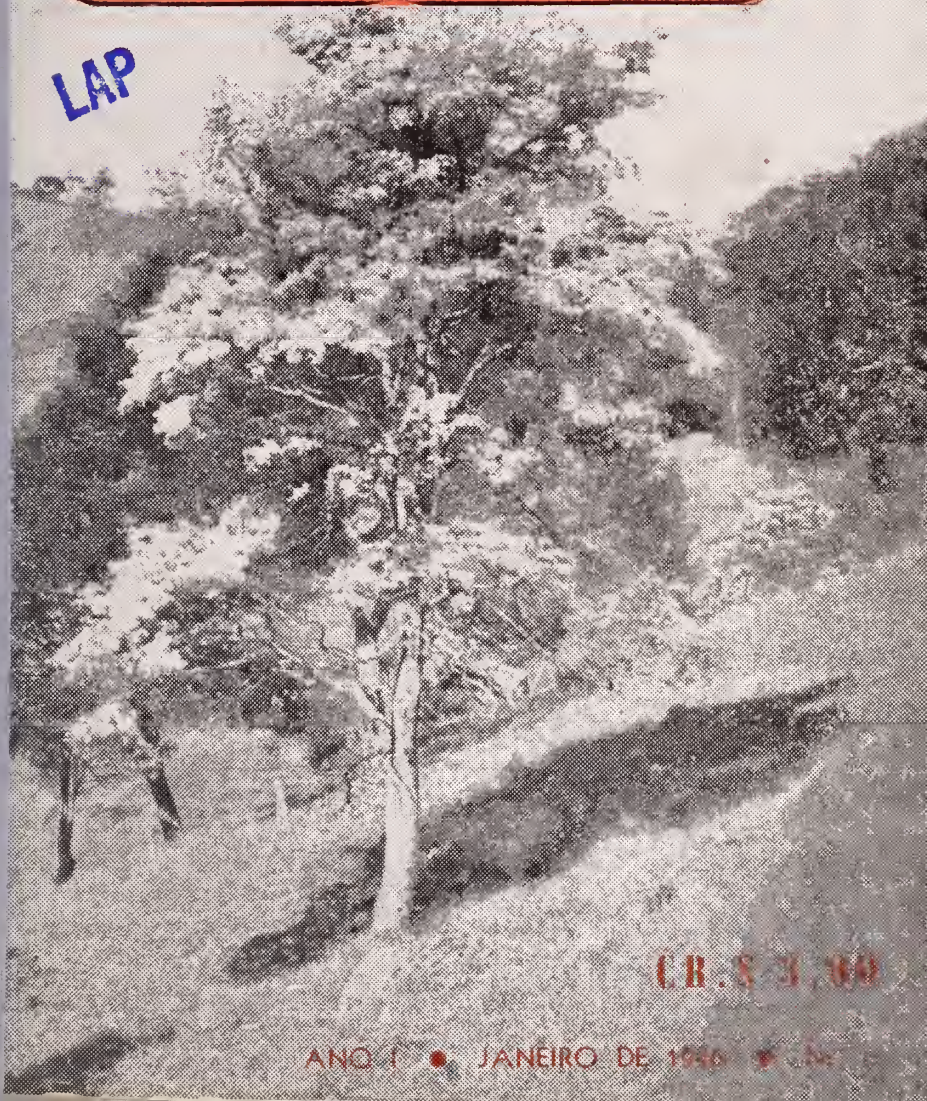
LIBRARY OF PRINCETON
OCT - 8 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54
Znitas.

UNITAS

LAP



CR$ 3,00

ANO I • JANEIRO DE 1946 • Nº

FUNDIÇÃO DE AÇO

Peças de Aço Fundido
Para Todos os Fins

•

Elevadores ATLAS S/A

Rua Alexandre Levy, 202

Tel. 3-5187 • São Paulo

ANO I — Janeiro de 1945 — N.º 1

LIBRARY OF PRINCETON THEOLOGICAL SEMINARY
MAR 27 2002

UNITAS

REGISTRADA NO DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

DIRETOR PRESIDENTE:
MIGUEL RIZZO JUNIOR

DIRETOR DA REDAÇÃO:
PAULO PERNASETTI

COLABORAÇÃO SOLICITADA

TODA A CORRESPONDÊNCIA E REMESSA DE NUMERÁRIO DEVE SER FEITA À
ADMINISTRAÇÃO DE "UNITAS"
RUA BARÃO DE TATUÍ, 528 -:- CAIXA POSTAL 203-A
TELEFONE 5-7499 -:- SÃO PAULO

PREÇO DE ASSINATURAS:

ANUAL SIMPLES	CR.$ 30,00
ANUAL REGISTRADA	CR.$ 36,00
SEMESTRAL SIMPLES	CR.$ 18,00
EXTERIOR SIMPLES	CR.$ 40,00
EXTERIOR REGISTRADA	CR.$ 50,00
AVULSO	CR.$ 3,00

DÊ UM BOM PRESENTE

★ AO SEU AMIGO

★ AO SEU VIZINHO

★ AO SEU PARENTE

UMA ASSINATURA DE "UNITAS"

SUMÁRIO

UNITAS — *Miguel Rizzo Jr.* 3

NOTAS E COMENTÁRIOS — *Paulo Pernasetti* 5
"Só Jesus Cristo" 5
S. Sebastião do Paraiso 6
Dr. Artur Antunes Maciel 7
Vaticano x Moscou 8

PROBLEMAS SOCIAIS 11
À margem das eleições brasileiras — *P. Zingg* . . . 11
O esquerdista Kógawa e a democratização do Japão — *Paulo Lício Rizzo* 13
O Espírito Público no Brasil — *Paulo Zingg* 15

MISCELÂNEA 19
O Cristianismo à esquêrda do Comunismo — *Earl M. Smith* 19

FOCALIZANDO 25
Lar Nascente 25

FE' E VIDA 29
Virtudes que Jesus não teve — *J. Andrade Ferreira* . . 31
Comunismo e Cristianismo — *Jorge Goulart* 39
Sólos tão diferentes... — *Jorge Cesar Mota* 43
O melhor partido — *Adauto Araujo Dourado* 51

Aguardem no próximo número:

Democracia — sistema de colheita de votos?

O socialismo na Inglaterra

Preparando a mudança do Vaticano

Religião e política

Procurem UNITAS nas bancas de jornais.

"UNITAS"

MIGUEL RIZZO JR.

Quando deflagrou a primeira guerra mundial, verificou-se na França um fenômeno que teve a influência decisiva no desfecho da luta. Os partidos políticos deixaram de lado as acrimoniosas divergências que os separavam, para focalizar tôdas as energias nacionais num ponto só: ganhar a guerra. O efeito foi surpreendente. O país saiu, do turbilhão de seus sacrifícios, coberto de resplandescente glória.

Não se verificou igual fenomêno durante a segunda guerra mundial. Nas horas mais graves dêsse espantoso conflito, os políticos francêses estavam mais preocupados com suas predileções partidárias e com as desavenças pessoais que violentamente os separavam do que pròpriamente com a salvação da pátria.

Essa falta de união foi fatal. Seus resultados lamentáveis todo o mundo conhece. Mas não é êsse o único exemplo em que a falta de unidade de propósito determinou fracassos humilhantes e trágicos.

Essas considerações vêem a propósito de um fenômeno assustador de ordem moral que se observa hoje na sociedade humana. As fôrças do mal crescem ameaçadoramente. Uma onda de crimes se espalha por tôda parte. Os responsáveis pela ordem, dentro dos paises mais civilizados, se acham perplexos e tomam medidas urgentes para debelar os males que ameaçam o mundo. Mas, até hoje, os sucessos alcançados nas tentativas de debelar a maré crescente das delinquências são muito precários. Concomitantemente com essa multiplicação audaz das fôrças malignas, observa-se uma cissiparidade cada vez mais frequente das fôrças do bem. Tal desunião, se permanecer, pode determinar consequências imprevisíveis no destino dos povos.

Resulta de tudo isso que uma das necessidades da hora pre-

sente é a da unificação das energias do bem para torná-las cada vez mais eficientes.

Um dos propósitos desta publicação é êsse, precisamente. Seu título sintetiza o ideal que ela representa.

O vocábulo UNITAS não significa apenas unidade. E' mais amplo. Pode ser aplicado para representar identidade, concórdia e harmonia. Alguns escritores latinos o empregaram nessas accepções. Com êsse amplo significado, êle representa bem o programa que temos em vista: congregar homens de boa vontade para execução de planos amplos e eficazes de renovação social em nosso país.

Essa tarefa não é simples. As fôrças que dividem os homens são pertinazes, capciosas e potentíssimas. Por isso mesmo urge fortalecer os elos de confraternização e de harmonia das energias construtoras para a vitória do bem na sociedade em que vivemos.

Esta revista viverá para alcançar êsse alto e nobre objetivo. Daí o título que se casa perfeitamente com a natureza dos fins que ela visa colimar. Para realizá-los, poremos em ação o melhor de nossos esforços, esperando que nossos assinantes e amigos nos acompanhem, entusiastas, nessa tentativa oportuna e nobilitante.

DESVANTAGENS...

A familia Azambuja, composta de nove pessoas, desembarca do trem em uma sossegada estação de verão. Ao meio-dia, reune-se na sala de jantar do hotel para a primeira refeição. O sr. Azambuja depara um cartaz em que se lê: "Pensão: Cr.$20,00 por pessoa".

Surpreendido, êle chama o gerente do hotel:

— Por que vinte cruzeiros? O senhor me escreveu que concederia pensão a doze cruzeiros, porque a estação ainda não estava aberta...

— E' exato, explica, imperturbável, o gerente. Mas agora que chegaram nove pessoas, consideramos aberta a estação...

NOTAS & Comentários

"Só Jesus Cristo"

Na sua edição de 7 de Dezembro, publicou o "Diário da Noite", de S. Paulo, um telegrama do Rio Grande do Sul contando que nas eleições do dia 2 de Dezembro dois indivíduos depositaram na urna de uma cidade do interior o seguinte voto: "Para Presidente da República: Jesus Cristo — o único capaz de endireitar o Brasil"

Não se vai discutir a afirmativa de que seja Cristo o único capaz de endireitar o Brasil. Os seus princípios como, por exemplo, os do Sermão da Montanha, podem salvar não sòmente o Brasil mas a Humanidade. Importa sejam êles praticados na vida pública e na vida privada.

Nada é mais ridículo, porém, do que votar em Jesus Cristo para Presidente. Por três razões muito simples. Primeira: Jesus Cristo disse que o seu reino não era dêste mundo. Negou-se a encabeçar o movimento que o levaria ao trono de um reino terreno. Muitos o abandonaram exatamente porque não tinha o Mestre nenhuma ambição política. e nem queria estabelecer um partido para disputar o poder e quiçá fundar um Império nos moldes do Império Romano da época.

Segunda razão: A presença de Cristo na terra é só espiritual. Seria impossível viesse êle a ocupar um cargo qualquer.

Terceira e última razão, e esta do ponto de vista legal, apenas para realçar a ignorância dos que deram o voto a Jesus Cristo. Nas eleições do dia 2 de Dezembro só se podia votar nos candidatos registrados nos Tribunais Eleitorais. Creio que cada eleitor gostaria de escolher um outro candidato mais do seu coração do que os inscritos. Mas o voto só podia ser para um dos inscritos ou sinão devia ser em branco. E para falar com franqueza: melhor seria que os dois fanáticos do Rio Grande do Sul votassem em branco. Seria muito melhor do que provocar hilariedade com os votos que deram. A religião deve ser uma coisa muito séria e venerável. Nada de

lançar coisas santas aos cães, nem pérolas aos porcos. Em vez de encher cédulas como as que nos referimos, os verdadeiros cristãos devem se esforçar para pôr em prática os preceitos de Jesus Cristo na vida de cada dia. Se assim fizessemos, se os princípios de Cristo fôssem aplicados à vida social e política, regulando as relações entre o capital e o trabalho, inspirando patrões e operários, orientando estadistas e políticos, veriamos que não temos necessidade de nenhum dos "ismos" que têm surgido como sucedâneos do Cristianismo quando êste deixa de ser o fermento bom.

S. Sebastião do Paraiso

Parece-me que foi em 1934 que estive pela primeira vez na formosa cidade de S. Sebastião do Paraíso. Se não posso precisar a data, no entretanto bem nítidas me ficaram na mente as recordações da cidade: a graça dos seus jardins, a delicadeza do seu povo, a amenidade do seu clima.

Agora, nos fins do ano passado, revi S. Sebastião. A cidade pareceu-me mais velha e mais cansada. Só não se desvaneceram as saudades do passado porque o povo com que convivi era o mesmo povo bom e jovial, hospitaleiro e amigo.

Os velhos amigos e os novos conhecidos me perguntavam: — "Que tal achou a nossa cidade?". Não esperavam a resposta e acrescentavam logo: "Isto aqui está morto". Outros perguntavam-me, como que desculpando o marasmo da cidade: "O sr. não conhece lá em S. Paulo pessoas do Paraíso? Todo o mundo se muda daqui".

Parece que as nossas velhas cidades estão tôdas sofrendo do mesmo mal. E' Jaú, aqui no Estado de S. Paulo. E' em Minas, S. Sebastião, Cabo Verde, Monte Santo, hoje Monsanto, graças aos caprichos do Instituto Geográfico. E' o interior que se despovoa. Todo o mundo quer vir para S. Paulo ou para o Rio. Dizem as estatísticas do Serviço do Racionamento de Açúcar que em 1944, de Janeiro à Setembro, S. Paulo recebeu cêrca de 120.000 pessoas vindas do interior.

Que explica o êxodo? A maioria vem em busca de melhores ordenados. No interior não há indústrias, com exceção de algumas poucas cidades. A lavoura não pode dar os salários das fábricas. Faltam braços para as fainas agrícolas, enquanto que nas grandes cidades se empilham nos cortiços os que vieram das fazendas. E, dêste modo, vão morrendo as cidades do interior. E vão ficando tristes, antes de morrer. Famílias

unidas e alegres no passado, hoje não podem mais estar alegres porque alguns dos seus membros se mudaram para as capitais. Nas festas falta sempre alguém. Vem o telegrama do parente querido mas não mata a saudade. Antes fá-la crescer.

Fiquei com pena de S. Sebastião do Paraíso e das outras cidades que estão condenadas à mesma morte lenta se não se fizer alguma coisa.

E o que é que se pode fazer? O govêrno precisa, quanto antes, estimular a volta ao interior. E isto se conseguiria por um conjunto de medidas que visassem melhorar as condições de vida nas cidades do interior, o que seria possível com a fundação de escolas e de hospitais, melhorando os meios de transporte, facilitando a aquisição de casa própria no interior, amparando a lavoura, estendendo aos trabalhadores rurais a proteção de que já gozam os das grandes cidades. Fazer, enfim, que se renove o gôsto de viver numa cidade tão formosa e amável como S. Sebastião do Paraíso.

Dr. Artur Antunes Maciel

Já se generalizou o hábito de se falar mal dos funcionários públicos. Quando se pretende bater às portas de uma repartição pública, importa munir-se de uma bôa dose de paciência. Só assim se pode enfrentar a má vontade quando não a grosseria dos servidores públicos. Nem sempre são os funcionários tão impertinentes e estúpidos, muitas vêzes a culpa é do público. Mas o que é regra geral é lançar-se a culpa às costas largas do funcionário.

Não posso negar que procurei revestir-me de paciência, e de muita paciência, quando, a pedido de um amigo, tive de ir com êle para falar ao Presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo. Estava disposto a sofrer tudo o que viesse. Não há muito estivera numa outra repartição pública e ali ficara de pé diante de uma mesa, como aluno de castigo, apresentando ao funcionário o assunto que me levara à sua presença. Estava agora, ao subir o elevador da Caixa Econômica, preparado para a mesma coisa. Chegava a desculpar tôda a grosseria com que fôsse recebido. Não seria ela um meio de defesa muito explicável, especialmente tratando-se do diretor de um estabelecimento de crédito? Cotidianamente deve receber o Presidente da Caixa Econômica uma coorte de importunos. Entre êstes, alguns velhacos. Não será de estranhar

que um homem assim já não creia na honestidade dos outros homens. E desculpável seria o azedume com que me recebesse.

Foi assim neste estado de espírito que entrei no gabinete do dr. Artur Antunes Maciel, presidente da Caixa Econômica Federal de S. Paulo. A primeira surprêsa que tive foi o sorriso amável do dr. Maciel. Depois estendeu-nos a mão com cordialidade, fez-nos assentar. Como o meu amigo era um pouco surdo, interessou-se em saber se já tratara do ouvido. Interessou-se logo pelo assunto que lhe expunhamos. Não propôs concessões especiais. Tinham de ser satisfeitas as exigências do regulamento. Mas estas êle as apresentava com cordura e bôa vontade. Ao sair, novo aperto de mão. Cordial, democrático.

Voltamos outra vez ao seu escritório para tratar do mesmo assunto. Não se fez de esquecido. Lembrou-se de nós. A mesma gentileza, a mesma bôa vontade, o mesmo aperto de mão bem brasileiro.

Quantos há que teriam de aprender com o dr. Maciel a delicada ciência de fazer amigos!

Vaticano x Moscou

Um telegrama de Moscou, publicado no "Hoje" de 10 de Dezembro do ano passado, nos põe ao par de vigoroso ataque da imprensa soviética contra o Vaticano. O Vaticano é classificado por Peter Efimov, no "Bolshevik", como um "centro de reação" e como um "centro anti-soviético". Diz mais que "os Santos Padres estão mais ocupados com os problemas internacionais que com os fiéis, procurando influenciar a política interna de vários países. E continua o telegrama: "Prossegue o articulista dizendo que agora que está esmagado o bloco dos Estados fascistas, o Vaticano utiliza-se de sua aparelhagem, difundida em todo o mundo, para salvar os remanescentes do fascismo. Diz mais que o Papa está particularmente preocupado com a Espanha, receioso de que a democracia possa sair vitoriosa sôbre o regime de Franco, e êste se veja à barra do Tribunal, e prossegue: "Quando Mussolini e Hitler torturavam milhões de pessoas, o Papa ficou silencioso. Agora, quando os povos libertados estão fazendo os bandidos fascistas responderem pelos seus crimes, o Papa pede clemência". Concluindo, diz o jornalista que a imprensa católica reacionária, por meio de ataques contra a

União Soviética, está completando a linha de conduta coordenada pelo Vaticano para ser executada em vários países pelos representantes da Igreja Católica".

A acusação de Moscou é que o Vaticano está interferindo na política interna de outros países. O mesmo pecado é atribuido também a Moscou. Já se veiculou por tôda a parte a notícia de que a Rússia usava até fundos da U. N. R. R. A. para a propaganda do Comunismo. Diz-se que a Rússia tem interferido na política sempre agitada dos Bálcans. Acusa-se a Rússia de auxiliar os comunistas chinêses, de interferir na Pérsia e na Polônia. Talvez seja tudo calúnia fascista. Dirão os padres, por sua vez, que o que se diz sôbre a sua interferência em vários países católicos é calúnia comunista. E' o caso de chumbo trocado.

O certo é que está havendo um duelo entre o Vaticano e Moscou. Aqui no Brasil, nas passeatas comunistas aparece a bandeira da Rússia ao lado da do Brasil; nas torres das igrejas católicas aparece a bandeira do Vaticano ao lado da do Brasil. Sinais do duelo das duas potências com programas internacionais.

Há pouco se travou, em S. Paulo, através dos microfones de duas emissoras, uma polêmica entre o padre Roberto Saboia de Medeiros e o líder comunista José Maria Crispim. O mesmo duelo: Vaticano x Moscou.

Apesar da luta estar travada, aqui do nosso canto continuaremos insistindo na nossa posição de absoluta imparcialidade entre as duas bem aparelhadas organizações de âmbito internacional. Talvez sejamos, por vêzes, taxados de comunistas e de outras vêzes passaremos por fascistas. Cavacos do ofício, não há dúvida.

Paulo Pernasetti.

QUE E' O HOMEM?

O pessimismo chega ao auge nas palavras de J. Normandi:

"O homem? Um reservatório de micróbios perpassado, de quando em quando, por um raio de ideal".

QUEM DISSE?

Faça um exercício interessante, procurando descobrir quais foram os autores das seguintes frases:

1 — "As crianças têm mais necessidade de modêlos do que de críticos".

2 — "O cansaço é o melhor travesseiro".

3 — "A religião é o ópio do povo".

4 — "A Religião nada mais é do que amar a Deus e aos Homens".

5 — "Eu sou pela religião contra as religiões".

6 — "Um quadro é um poema sem palavras".

7 — "A oração é a voz da fé".

8 — "Deus é espírito e importa que os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade".

9 — "Os embaixadores são os olhos e os ouvidos de uma nação".

10 — "A instrução pública devia ser o primeiro objetivo de um govêrno".

Se não conseguiu descobrir, procure as respostas à página 49.

PROBLEMAS SOCIAIS

★ ★ ★ ★ ★ ★ À Margem Das Eleições Brasileiras

AS eleições brasileiras de 2 de dezembro de 1945 estão sendo apaixonadamente discutidas pelos interessados no pleito. Fala-se muito em interêsses que influiram sôbre a decisão do eleitorado, sôbre máquinas políticas e sôbre confusão, mas a manifestação das urnas precisa ser observada e ânalisada com serenidade, e sobretudo, sob o ângulo do retrospecto histórico.

No Império, as nossas eleições não eram tumultuosas, nem discutidas como nos tempos da Primeira República Compreende-se. Votavam os cidadãos qualificados, a minoria culta da população. Na antiga linguagem eleitoral chamava-se ao processo um censo alto. A opinião nacional era a dos seus lideres autorizados — senhores da terra, intelectuais, etc. A grande maioria da população analfabeta e escrava não votava. Com a República, foi conquistado o sufrágio universal. Os dirigentes do país passaram a ser escolhidos pelo voto direto do cidadão. O novo processo, de natureza profundamente democrática, foi viciado, menos pelos homens do que pela realidade.

E quase tôdas as eleições republicanas foram acusadas de fraudulentas. Firmou-se o critério do vencido não admitir a sua derrota. Ninguém aceitou a vitória de Hermes sôbre Rui ou de Artur Bernardes sôbre Nilo Peçanha. E mais ainda, a derrota das oposições em 1930 contribuiu, em grande parte, para o desencadeamento da Revolução de Outubro, chefiada pelo candidato considerado vencido no pleito presidencial que a precedera.

O movimento de 1930 marcou nova éra nas nossas crônicas eleitorais. Com o código de 1933, foi garantida a representação das minorias políticas e, nas eleições para a Constituinte, as oposições ganharam as eleições em vários Estados, inclusive S. Paulo. O fato era inédito na nossa história política. Nas eleições legislativas de 1934, o govêrno foi derrotado no Ceará e em Sergipe. Restabelecidos em 1945 os processos democráticos de escolha dos governantes, foram mantidas as duas grandes conquistas da Revolução de Outubro: o voto secreto e a representação das minorias.

O pleito de 2 de dezembro foi o mais concorrido da nossa história. Seis milhões de eleitores escolheram o presidente da República e os representantes à Assembléia Nacional Constituinte. E mais ainda: pela primeira vez, a eleição não foi disputada entre candidatos do govêrno e da oposição, mas sim entre dois candidatos de tendências diversas e mesmo de concepções políticas antagônicas.

Tudo que é trabalho e pensamento tomou parte no pleito. O industrial e o operário; a patroa e a cozinheira; o professor e o estudante; o branco e o prêto, todos votaram em igualdade de condições. Não foi disparado um só tiro em todo o Brasil; não se verificou um conflito. Não há dúvida de que se evidenciou um progresso sensível na nossa compreensão eleitoral e política. O povo escolheu seus representantes. Escolheu-os livremente. Se acertou ou errou, caberá a êle verificá-lo e demonstrá-lo nas eleições vindouras.

P. ZINGG

O esquerdista Kógawa e a democratização do Japão

Paulo Lício Rizzo

Telegrama recente anuncia que o govêrno americano no Japão escolheu o lider esquerdista Kógawa para importante pôsto na obra reeducativa do povo nipônico para a democracia. E' a primeira vez que vejo o "São Francisco do Japão" mencionado como líder esquerdista. Muitas vêzes foi êle chamado "comunista", um comunista como qualquer de nós seria. "Se os cristãos, dizia êle, estivessem vivendo o programa que Cristo traçou no Sermão da Montanha, não haveria lugar agora para os vermelhos e nem para o comunismo russo". A dôr de cabeça de todos nós é o "se" com que essa frase tão profunda está condicionada...

A obra de Kógawa tem sido um esfôrço para colocar essa expressão no indicativo. Nascido em 1888 em Kobe, filho de um político notável e de uma "geisha", que o deixaram órfão aos 5 anos, sujeito aos caprichos da sorte. Numa dessas crises, os missionários cristãos entraram em contacto com êsse estudante melancólico. O dr. Myers ("meu amigo enviado por Deus e meu pai na fé"), o professor Katayama, o dr. Logan e o incrível Barnett, professor da Universidade de Oxford, que abandonou a cátedra para viver nos bairros sujos de Tóquio, nas mesmas casinholas miseráveis dos pobres, foram seus grandes estímulos.

Em 1905, entrou para o Colégio Presbiteriano de Tóquio, onde a leitura de Tolstoi convenceu-o da inutilidade das guerras. Indispôs-se com os colegas por pregar abertamente o socialismo (tabú na época) e por praticá-lo, tendo trazido para seu quarto um mendigo que encontrara na rua e com o qual repartia com grandes sacrifícios sua escassa pensão.

Acusado de pacifista e traidor na guerra contra a Rússia, assume em 1932, depois do ataque à Mandchúria, atitude ainda mais perigosa e intrépida. Nessa época já havia escrito mais de 40 obras, sobretudo romances ("Além das fronteiras da morte" teve uma venda de 250.000). Agora seu inconfundível astro derrama-se em prantos de uma coragem sem par:

"Eu sinto o pêso do crime do Japão
e. com a alma feita pedaços,
peço perdão a China e ao mundo".
"Digam o que digam os milita-
[ristas,
sua vontade não é a nossa vontade
e sua ação não é a nossa ação.
Nós, pacifistas, somos fracos
mas lutamos
contra o militarismo e o imperia-
[lismo
e, algum dia. expulsando-os de en-
[tre nós
poderemos estreitar cordialmente
[vossas mãos".

(*A República da China*).

Êle fez tudo para estreitar cordialmente as mãos dos chinêses. "Quem está diante de vós esta noite não é o verdadeiro Kógawa, dizia durante a guerra à uma assembléia de crentes japonêses. Cabisbaixo e triste, depois de longo silêncio, concluiu: "O verdadeiro Kógawa se encontra lá na China, acompanhando as mães e os filhos que sofrem por causa da guerra". Kógawa sofre de terrível doença na vista que o impede de enxergar bem o auditório e devido a qual sua entrada nos Estados Unidos foi barrada. Nesse momento de negrura para o Japão, as lágrimas dêsse patriota devem ter acabado de cegar-lhe. Isso "antes da aurora" (título de um dos seus romances) que raiou com a entrada de Mac Arthur em Tóquio.

Agora, como líder popular de inquestionável valor, poderá êsse pastor invulgar prosseguir a obra do Movimento do Reino de Deus, nome da magnífica organização que fundou há 18 anos, repudiando tentadoras ofertas do govêrnô japonês, suas dezenas de milhares de cooperativas abaladas pela guerra. suas ligas contra a lepra, o álcool, a prostituição e a tuberculose. (Kógawa teve que abandonar os estudos por um ano devido a esta última doença. Foi quando escreveu sua primeira novela, a de maior sucesso, já referida).

E quanta coisa para a Igreja de Cristo no Japão, a primeira frente única das denominações evangélicas, fusão realizada durante a guerra pela pressão das perseguições e sem dúvida influenciada pelo trabalho de Kógawa, o poeta, o reformador social, o romancista, o cristão.

O mesmo Deus que permitiu a vida de Niemoller nos campos de concentração, de Marc Boegner na França de Vichí, não deixou apagar-se a luz, para muitos bruxoleante, dêsse homem enfermiço, odiado por estremistas e capitalistas, por militaristas e cristãos desfibrados, mas amado por todos que desejam como êle a vitória completa do Evangelho.

O Espírito Público no Brasil

PAULO ZINGG

A maioria dos estudiosos e observadores da nossa vida política e social concluiu pela inexistência de espírito público no Brasil. Afirmam faltar ao brasileiro como homem e como cidadão o interêsse fundamental pela marcha dos negócios dessa grande família que é a comunidade nacional. Governe beltrano ou sicrano, resolva-se ou não um problema, falte água ou sobre açúcar, é comum ouvir dizer que o brasileiro não liga. Cada um cuida de sí e ninguém da causa pública. Influenciados pelas teorias racistas, muitos quiseram atribuir essa realidade à nossa mistura étnica, à presença de negros e índios como elementos formadores da nacionalidade. Martins de Almeida, o corajoso autor de "Brasil errado", escreve a respeito: "A verdade é que atribuimos uma importância excessiva à irregularidade das nossas cristalizações étnicas. Envolvemos numa generalização falsa as qualidades de tôda uma raça, embora sem composição unitária, assentando nossa dedução sôbre um ou outro tipo mestiço que costuma refletir realmente o desequilíbrio visível de uma soma de caracteres ímpares inferiorizados. Chego mesmo à conclusão que a desvalorização do homem brasileiro tem resultado muito mais da constituição particular do nosso meio físico do que do caldeamento irregular do nosso sangue".

O autor aborda um aspecto do problema. O brasileiro não é isto ou aquilo em função de suas origens raciais. Também não é sòmente um produto do meio físico. Como estamos abordando um problema ligado à nossa formação histórica, não se pode afastar ês-

ses fatores, mas também êles não podem ser valorizados sem razão de ser.

O espírito público existe em função dos direitos dos povos de dirigirem seus próprios destinos. Ninguém sabe nadar sem ter caído na água. Nenhum povo pode ter espírito público sem ter tido a menor participação na direção do seu país. Entre nós, a colonização portuguêsa deixou marcas profundas. Em primeiro lugar, o interêsse de Portugal era governar a sua colônia de exploração. Cabia aos portuguêses e não aos brasileiros o exercício dêsse govêrno. Logo, desde os primeiros anos de nossa existência, fomos afastados do exercício da administração, exercício reservado aos representantes da metrópole. No plano econômico, formou-se uma aristocracia baseada na produção do açúcar e posteriormente do algodão e do café. O sistema de trabalho era o escravo. Assim, a grande maioria da população, não sendo constituida de homens livres, não podia participar da direção dos negócios públicos, entregues na esfera econômica da fazenda, da estância e do engenho e na esfera política do govêrno municipal a um pequeno grupo, em geral, aristocrático, branco e diretamente ligado à metrópole. Outro fator importante, que ainda é dos maiores óbices ao nosso progresso político, econômico e social, era o analfabetismo. O elemento culto era diminuto no conjunto da população.

No século XVIII, começa a surgir o espírito público aliado ao sentimento nativista. As iniciativas particulares visando o progresso econômico são abafadas pela política da metrópole. A cultura é combatida. E' proibida a entrada de livros e abrir uma tipografia é um crime. A administração colonial ainda é previlégio dos portuguêses. Mas, um pequeno grupo de brasileiros começa a reagir. Nasce o desejo de governar a própria terra. Nasce também o espírito público. E nasce para se desenvolver cada vez mais.

A Independência, a existência de um parlamento e de partidos políticos, o debate das idéias e dos programas, o entrechoque das opiniões, tudo contribui para desenvolvê-lo. Mas, o espírito público, como expressão coletiva de interêsse pelos problemas da comunidade, não se manifesta imediatamente. Queremos dizer que o espírito público é ainda previlé-

gio de alguns e não realidade para todos. Entretanto, a participação de brasileiros na vida política e social é cada vez maior. A Abolição remove a distinção entre senhores e escravos. A República estabelece o sufrágio universal. Campanhas políticas mobilizam milhares de pessoas. Lentamente o espírito público começa a criar raizes, especialmente entre as populações das cidades, populações que encontramos, em várias fases da nossa história, na vanguarda da luta pela auto-determinação nacional e pela liberdade política. Aliás, o pleno exercício da liberdade é a fonte de onde nasce o espírito público. E' o Estado democrático — escreve Nestor Duarte — com o seu constante apêlo à massa, com as oportunidades que lhe cria de manifestar-se pelo exercício constante do voto e pela estrada mais acessível que lhe abre para chegar até êle, que determina a politização do povo, o que nada mais é do que o interêsse pela coisa pública e a decisão de governar seus destinos. A democracia é de alto poder educativo para o povo.

Nos nosso dias, grande parte da população brasileira atua continuamente na vida política, econômica e social. O interêsse pela administração é crescente. Das pequenas elites que votavam no passado passamos a um eleitorado de sete milhões. O espírito público, embora ainda não desenvolvido como na Europa e nos Estados Unidos, já é uma realidade no Brasil.

OURO

"O ouro aumenta a sêde do ouro e não a estanca".

Publio Siro.

"Onde aparece o ouro, o terrível ouro, imediatamente os homens em redor se entreolham com roncos e levam as mãos às facas".

Eça de Queiroz.

NOVO ANO, NOVO GOVÊRNO

Le roi est mort; vive le roi. Morre um; impera outro. Tanto com os reis como os dias dá-se isso. Os imperadores da democracia também passam... mesmo sem morrerem.

As urnas ou os golpes lhes dão aposentadoria compulsória, a êles que já aposentaram tanta gente, prenderam muitos e exilaram outros que agora voltam da inatividade, do extrangeiro ou das prisões, revoltados uns, assanhados outros (como é ridículo o assanhamento dos aposentados!), desiludidos os mais sinceros. Os últimos têm razão. Que adianta mudar de govêrno, se o caráter, a organização fundamental, as misérias continuam as mesmas? Talvez adiante: as esperanças teimam sempre, mesmo no cáos que atravessamos, a sobreviver.

O novo govêrno do Brasil já fez declarações antes de ser declarado eleito. Falou com juizo, como convém em tais ocasiões. Promete o que se deve prometer: harmonia, paz, completo esquecimento das injúrias recebidas. Seria melhor prometesse esquecer-se das injúrias a serem recebidas. Podemos garantir que serão bem maiores do que as passadas.

Que nos trarão o novo ano de 1946 e o novo govêrno eleito em fins de 1945, segundo a vontade esclarecida do povo?...

Peçamos a Deus que ilumine a Pátria, que abençôe o Govêrno e que nos dê, se êste não nos der, remédio para os pobres doentes, leite para os bebês, liberdade para a pregação do evangelho, carne para os que trabalham, escolas para os que querem estudar e, sobretudo, satisfação do dinheiro que êste povo deposita, dia após dia, govêrno após govêrno, nos misteriosos cofres da Nação.

P. L. R.

Miscelânea

O Cristianismo à Esquêrda do Comunismo

EARL M. SMITH

UNITAS tem o prazer de inserir em suas páginas o artigo "O Cristianismo à esquêrda do comunismo" da autoria de Earl M. Smith, publicado em "La Nueva Democracia" de Setembro do ano passado. O autor é o atual diretor da "Casa da Amizade" no Uruguai, muito conhecido pelos seus estudos sociológicos. Entre as suas obras, destaca-se o livro "A Essência do Cristianismo". Esta transcrição nós a fazemos com o propósito de esclarecer a opinião pública, veiculando idéias de escritores de outros paises.

Tudo depende do que entendemos por esquêrda. Diz o dicionário que, em política, esquêrda indica os partidos liberais e democráticos. O termo teve sua origem no fato de que êstes partidos, na Europa, costumavam, nas camaras legislativas, ocupar os bancos da esquêrda. Geralmente se pensa que quanto mais radical é um partido ou um movimento tanto mais esquerdista é êle.

Evidentemente o cristianismo não é um partido. E', porém, um movimento. E o verdadeiro cristianismo é um movimento mais liberal, mais democrático e mais radical do que o comunismo. Geralmente se pensa do fascismo e do nazismo como sendo a extrema direita. Quanto mais distante se está, portanto, do fascismo e do nazismo, tanto mais à esquêrda se está. Em nosso estudo, procuraremos demonstrar que o cristianismo, em seu verdadeiro sentido, é liberal, democrático, radical e muito mais anti-fascista do que o comunismo.

O cristianismo, em sua essência, é liberal. Isto quer dizer que

é progressista. Não é reacionário. Não se deixa dominar pela tradição. "O pensador (escriba) cristão — dizia Jesus — tira do seu tesouro coisas velhas e novas". O cristianismo é tão progressista — tem tanto poder explosivo, tanta efervescência — que rompe com as velhas fórmulas. E' o que tem feito em tôda a sua longa história. Por isso é, que em grande parte, está dividido em tantas seitas. Nunca se disse a última palavra, e quando uma verdade não acha lugar em uma instituição, esta se rompe e se forma outra seita em tôrno da verdade que se descobriu.

O cristianismo é liberal quanto ao livre exame. "Examinai tudo e retende o que é bom". "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". "Pensar e deixar pensar". Somos livres para crer no que nos pareça verdade e justiça, e não dizemos que não é cristão quem discorda de nós quanto a doutrinas, e não o chamamos de ateu, mentiroso ou fascista.

Não é tão liberal assim o comunismo. O comunista tem de crer no que lhe ensinam. E se os que ensinam mudam de opinião e ensinam outra coisa, o bom comunista tem de mudar de opinião e de crer na nova "linha" ou doutrina. Enquanto os nazistas não atacaram a Rússia quem falava bem das democracias e mal dos fascistas era (segundo a linha comunista) um burguez reacionário. Depois do ataque dos nazistas à Rússia, quem falava mal das democracias era nazista reacionário. Não se permite ao comunista pensar livremente. Não pode examinar tudo e reter o que é bom. Tem de passar por alto sôbre o que não está, no momento, de acôrdo com a doutrina do comunismo. Indubitàvelmente, o verdadeiro cristianismo está à esquerda do comunismo no que refere ao liberalismo.

O cristianismo é democrático. Não me refiro naturalmente à Igreja Católico-Romana nem mesmo a qualquer outra igreja, se bem que haja algumas bastante democráticas. Refiro-me, porém, ao cristianismo puro — tanto na teoria como na prática. O cristianismo é democrático. Não admite hierarquias. O maior é aquêle que mais serve, e o primeiro é aquêle que mais ajuda os outros. O cristão reconhece que os que têm autoridade costumam escravizar os seus súditos, porém no cristianismo não há lugar para nada disso: o que tem autoridade lava os pés dos seus subalternos e dá a sua vida por êles. Não há lugar no verdadeiro cristianismo para distinções de raça, classe, posição, etc. E os fortes servem aos debeis,

os sábios aos ignorantes e os bons aos maus. O fundador do cristianismo tomou um menino para ensinar a democracia. Quem ofende ao menino, inocente e indefeso, trai a sua causa. Quem quer ser grande que seja como um menino: humilde, desejoso de aprender e de servir.

Evidentemente o cristianismo é muito mais democrático do que o comunismo. E isso, admitindo mesmo que as realizações positivas do comunismo são realizações democráticas. O comunismo soviético conseguiu democratizar em grande parte a indústria daquele país. Conseguiu por algum tempo democratizar o exército. Conseguiu alguma coisa na democratização da cultura. Mais do que qualquer outro regime, conseguiu a democratização das raças. São positivas e bem apreciadas essas conquistas do comunismo soviético. Não quero insinuar desprezo por elas. Pelo contrário, aplaudo essas conquistas e a minha oração é que elas continuem, aumentem e se generalizem.

Contudo, ainda no campo das conquistas práticas, o cristianismo tem conquistas democráticas ainda maiores. A democracia política, imperfeita como é, porém muito adiantada em comparação com a antiguidade, se deve antes de tudo ao cristianismo. A abolição da escravidão, um passo para a democratização industrial, se deve diretamente ao cristianismo. Ao cristianismo se devem a escola popular e o hospital. Certamente há muito que ficou por fazer; o cristianismo não conseguiu tudo o que devia para a democratização do mundo, mas também não ficou atrás de todos. E mesmo o grande passo da democratização da indústria na Rússia se deve em parte, pelo menos, à prédica e ao ideal que o cristianismo sustentou através dos séculos, ora com mais ora com menos fidelidade.

Entende-se que a Rússia Soviética está fazendo uma experiência em que tenha alcançado bastante exito. Porém outros têm feito também experiências. Por exemplo, as cooperativas de consumo e de produção têm tido os mesmos formosos resultados em outros países.

Além disso, o cristianismo professa e pretende praticar uma democracia mais integral do que a dos comunistas. Os comunistas proclamam a ditadura do proletariado. Uma ditadura não pode nunca ser democrática. E, na prática, a ditadura soviética vem a ser como as demais ditaduras que não são ditaduras de uma classe senão a ditadura de uns poucos ou de um partido em benefício de uma classe. Por ser ditadura, poderia de um momento para outro

(Se houvesse ocorrido a morte de Stalin em vez da de Roosevelt, por exemplo) — poderia, digo — transformar-se em ditadura em benefício de outra classe ou do próprio ditador. Se um ditador bom e forte morre e sobe um mau e fraco, os resultados são mais catastróficos do que se morre um presidente bom e forte e é substituido por um presidente mau ou fraco.

Para ser realmente democrático um movimento tem de conseguir a justiça e a equidade para todo o povo; tem de respeitar a personalidade de cada indivíduo. Porém na Rússia o oportunismo comunista permitiu a morte pela fome de milhões de sêres humanos, e negou os direitos democráticos aos filhos dos kulaks. Mais democrático, por exemplo, é o lema do partido batlista do Uruguai: "Para nós e para os nossos adversários; para nossos filhos e para os filhos de nossos adversários". O cristianismo vai muito além à esquêrda, em sua democracia, e diz: "Amarás ao teu próximo — todo o próximo — como a tí mesmo". Na escala cristã de valores todo o ser humano é de infinito valor. Isto é esquerdismo democrático ainda desconhecido pelo comunismo.

Dissemos ainda que estar à esquêrda quer dizer ser radical. Pois o cristianismo é muito mais radical do que o comunismo. Vai à raiz das coisas. O comunismo diz que o sistema econômico capitalista é mau e deve ser substituido por outro sistema mais justo, que não permita a exploração do homem pelo homem e que distribua de uma maneira mais equitativa os produtos do trabalho de todos. O cristianismo apoia integralmente essa tese, porém vai além. Diz que não sòmente se precisa de um sistema melhor mas também de um homem melhor. Um homem bom dentro de um mau regime vê restringida e limitada sua esfera de ação em pról do bem, porém algo de bom e eficaz pode fazer, apesar do sistema em que vive. Pelo contrário, por bom que seja o sistema, se sua administração está nas mãos de homens mal intencionados, nada de bom pode acontecer. "Da árvore má não se colhem frutos bons". A mudança do sistema social é desejável. São Paulo disse: "O amor ao dinheiro é a raiz de tôda a classe de males". E, sem dúvida, o sistema capitalista está enxertado sôbre essa raiz. Importa mudar o sistema. Porém, tem-se de ir mais à esquêrda. Importa mudar a raiz também. E êste é o grande propósito do cristianismo: a transformação do homem. Num sistema mais justo será mais fácil ao homem justo fazer suas boas obras. Porém, se mudamos o

sistema sem a transformação do homem, êste, com seu amor ao dinheiro, achará meios de defraudar o sistema justo do seu fruto natural na justiça humana. Se mudarmos o sistema e o homem — árvore e raiz — o fruto realmente se colherá.

Finalmente, pensando no nazi-fascismo como a incarnação atual do direitismo, vejamos quem está mais perto ou mais longe no nazi-fascismo: o cristianismo ou o comunismo. Uma das características do nazi-fascismo é a opressão, os campos de concentração, a negação da liberdade, a tortura e o terror. Pois todos êstes meios tem sido empregados também pelo comunismo. E não sòmente empregados, mas defendidos. Certamente as igrejas cristãs, por vêzes, têm atraiçoado o seu Senhor e os têm empregado, porém, os repudiam agora e não os defendem. Na realidade são métodos muito da direita e o verdadeiro cristianismo está à esquêrda, pois também busca a justiça; busca primeiramente uma ordem social e uma justiça de acôrdo com os planos divinos, e o cristianismo sabe que se conquista a justiça sendo justo e sempre justo, e nunca por meio da injustiça. Erraremos se nos permitirmos enganar com ilusões de justiça social, riquezas, poder e bem estar geral conquistados pelos mesmos meios violentos que os opressores têm empregado. Não há preço barato para a justiça; não se conquistam as altas finalidades esquerdistas por meios baixos, violentos, opressivos e direitistas. Convidamos aos esquerdistas a que avancem mais para a esquêrda e empreguem para os altos objetivos esquerdistas os altos métodos cristãos, que são os mais esquerdistas.

E ainda no mesmo tópico da justiça, à parte os meios de conquistá-la, o cristianismo está ainda à esquêrda do comunismo. Pois a justiça para os comunistas é algo a ser conquistada. Querem conquistar a justiça para sí. Querem que os outros sejam justos para com êles. Se conseguem isso, conquistaram a justiça. Na verdade isso já é alguma coisa. Porém, muito melhor é amar o próximo e fazer-lhe o que se quer que se faça a nós. Muito mais esquerdista é *fazer* justiça do que conquistá-la para sí. "Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça — esta classe de justiça — porque êles serão fartos".

Flagrantes da Vida

ROMPEU COM O P. C. B.

Logo após as eleições de 2 de Dezembro, publicaram os jornais o seguinte telegrama:

Belo Horizonte, 15 (Meridional) — Numa sobrecarta apurada nesta capital, encontrou-se o seguinte bilhete: "Ao Partido Comunista. Não contem mais comigo, pois resolvi deixar vocês e aderir à burguesia. Vou mudar-me para a prateleira de cima".

A DERROTA DO BRIGADEIRO

O Brigadeiro Eduardo Gomes foi derrotado nas eleições do dia 2 de Dezembro. Como tôda derrota tem as suas explicações, é natural que surjam muitas para explicar o revez do candidato da U.D.N.

Entre as que apareceram há uma muito interessante. Não é a dos que atribuem a derrota do Brigadeiro às manobras do clero católico romano. Não. A explicação a que nos referimos é a seguinte, colhida numa conversa de bonde.

— Eu já sabia que o Brigadeiro seria derrotado.

— Por quê?

— Ora, você não leu o discurso de Campos? Êle não pôde ir a Campos para o comício por causa do mau tempo. Em vez de guardar o discurso, foi lê-lo numa estação de rádio e "desceu a lenha" no "jogo do bicho". Onde se viu, num país em que todo mundo joga falar mal do jôgo?

OS JESUITAS E O FASCISMO

Publicou a imprensa diária o seguinte telegrama:

Milão, 18 (U. P.) — A polícia acusou a comunidade do Convento Jesuita de ter impedido a prisão de Carlo Scorza, último secretário do Partido Fascista. Scorza, que é acusado de inúmeros crimes tanto políticos quanto comuns, foi detido sábado último, no Convento de Galarate, nos subúrbios de Milão, mas, segundo a polícia, teve que ser posto novamente em liberdade, por intervenção da "alta hierarquia eclesiástica".

FOCALIZANDO

Lar Nascente

"Rancho do Senhor". *Rancho* — uma palavra bem nossa — casa de pobre. E aquela casa, num bairro distante de S. Paulo, é mesmo o rancho do Senhor. A casa é pobre ainda, apezar de sua beleza arquitetônica. Pobre porque é rico o ideal dos seus diretores. Queriam-na maior para receber mais gente — desta gente que vive sofrendo; mais crianças — "das quais é o Reino dos ceus". E é Rancho do Senhor — porque alí se sente a presença de Jesus no carinho dos diretores, na caridade que se pratica, no sorriso das crianças que aprendem a orar: "Pai nosso que estás no ceu..."

No alpendrc, a Major Helena Londhal conversa com as suas auxiliares. Quantas moças entraram por esta porta com o desespêro na alma e sairam transformadas porque o Exército de Salvação vai escrevendo a sua história gloriosa: fazendo o bem, convertendo pecadores e trilhando o caminho do Senhor que dizia: "Vinde a mim todos vós que vos achais cansados e oprimidos".

Uma vista formosa do jardim do "Lar das Moças". No "Lar" vivem 40 moças. Tratadas carinhosamente pelas abnegadas oficiais do Exército da Salvação.

Duas crianças que nasceram no "Rancho do Senhor". O "Lar Nascente" é o prolongamento do "Lar das Moças". Vivem nele as criancinhas que nasceram no "Lar". Só em 1945, até Novembro, alí haviam nascido 29 crianças.

As crianças do "Lar Nascente" brincam no jardim. Não estão tôdas. Moram no "Lar" 43 crianças. Só algumas foram fotografadas.

Algumas crianças brincam dentro de casa. A direção do "Lar Nascente" está confiada às seguintes consagradas servas de Deus: Major Helena Londhal (diretora); Enviada Marta Guanais Lima (vice-diretora); Capitã Maria Josefina Anderson (secretária).

O Exército da Salvação está numa campanha para a construção de mais um dormitório para acolher moças e, depois, receber os seus filhinhos. Quem o auxiliará a fazer uma obra assim tão nobre? A Major Londhal não nos pediu que fizessemos um apêlo. Mas nós o fazemos e aqui deixamos um endereço para os corações bondosos de todo o Brasil: Major Helena Londhal — Caixa 3443 — S. Paulo.

FÉ E VIDA

Nos momentos de contacto com o Espírito Divino a alma humana vislumbra riquezas que transcedem as do mundo material: mal se entremostram elas nos deslumbramentos da verdadeira devoção. Só uma ínfima parte do seu esplendor se revela à consciência humana. A outra que se não vê, mas adivinha-se, é do céu. Essa experiência devocional é decisiva na orientação do espírito que, curioso, se esforça para devassar o infinito.

Pessoas há que acham excessivamente difícil crer na vida futura. Não acontece isso com aquêles que, na terra, já têm a experiência iluminadora da comunhão com o Espírito Divino. Para êles o que seria absurdo era não haver outra vida. Aqui mesmo, em certos momentos, já vivem êles numa antecâmara do céu, pois assim podem ser classificadas as horas felizes da legítima devoção. Quem tem tal experiência inevitàvelmente crerá na sobrevivência da alma.

E' a êsse fenômeno espiritual fascinante que Jesus se referia quando no diálogo com a Samaritana afirmou: "A água que eu lhe der se fará nele uma fonte que salte para a vida eterna."

M. Rizzo.

"INTELIGÊNCIA E MORAL"

Acaba de ser publicada pela "União Cristã de Estudantes do Brasil", em opúsculo elegante, uma conferência do Rev. Jorge Cesar Mota sob o título "Inteligência e Moral".

Preciosas são as últimas palavras do opúsculo:

"Quem guiará o país amanhã? Algum lider político que tiver empolgado as massas com as suas teorias e os seus programas. Quem orientará o povo? Pela imprensa e pela literatura, os jornalistas e escritores, poetas e romancistas. Quem instruirá a juventude? Os mestres e os professores, na escola e na Universidade. Quem inspirará a nova geração pela influência poderosa da arte? Os pintores e os músicos. Numa recente publicação americana, um sociólogo indicou uma grande lista de departamentos da cultura e da civilização hodierna em que se fazem mais urgentes as invenções dos técnicos e dos cientistas. Quem fará essas descobertas? Quem dirigirá as nossas fábricas e as nossas instituições sociais? De onde tiraremos êsses operários da civilização?

Do meio de vós, meus amigos. Vós sereis os jornalistas. os mestres, os sábios, os médicos, os engenheiros, os industriais, os capitalistas, os políticos de amanhã. Sim, vós! Não o acreditais? Tende paciência, e esperai. Esperai trabalhando. Trabalhai forjando ao mesmo tempo o vosso caráter, modelando-o pelo estalão de Jesus.

E então teremos um mundo diferente. Não deve interessar-nos a divisão de terras, a prática da justiça e do direito dos povos, a fuga à inflação, a reorganização econômica, se não fôr tudo isso feito em bases morais. A situação dos valores morais e espirituais acima dos econômicos e culturais: essa deve ser a base da reorganização do país e do mundo. E enquanto isso não se fizer, o mundo não achará o seu caminho."

Virtudes Que Jesus Não Teve

J. Andrade Ferreira

Sim.

"Virtudes que Jesus não teve" — êsse é o tema.

Heségias, velho filósofo grego, pregava ardorosamente o suicídio. A vida é tão má, que não vale a pena ser vivida.

Morreu com mais de oitenta anos, e de morte natural...

E' que, quando lhe objetavam, ao ouvir-lhe a mensagem, que devia dar o exemplo, respondia:

— Eu preciso viver para ensinar minha filosofia...

Essa clamorosa contradição, infelizmente tão corriqueira, entre a vida e os ensinos, teria ocorrido também com Jesus?

Êle que preconizou: "Sêde vós perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito," não o teria sido?

"Virtudes que Jesus não teve" surge, desde logo, como um tema anti-bíblico e hediondo.

Diz S. Paulo: "Êle não conheceu pecado..."

Diz S. João: "Nele não há pecado..."

Diz S. Pedro: "Êle não cometeu pecado, nem em sua bôca se achou engano."

Diz o autor da carta aos Hebreus: "Êle foi em tudo semelhante a nós, mas sem pecado..."

Cordeiro sem mácula nem contaminação — separado dos pecadores — tal é o vulto do Nazareno, a ponto de se ter dito que maior milagre do que sua existência, teria sido a criação meramente humana de sua escuda. Os autores dos Evangelhos teriam criado, literariamente, a perfeição do caráter — experiência inédita e sobreumana.

Daí a pergunta que expressa a estranheza natural diante do tema.

E antes de entrar a expô-lo, lembremo-nos de que não é: "Pecados que Jesus teve", o qual seria absurdo e irreverente, mas outro, como veremos, verdadeiro e sugestivo: "Virtudes que Jesus não teve".

Não teve a virtude de rejeitar adoração.

Quando a multidão indagadora quer saber do próprio João Batista, se não é o Messias, o

profeta do Jordão, rejeita a hipótese: "Não o sou... Convém que eu diminua."

Vai Pedro à casa de Cornélio, gentio, e êste empolgado com os últimos sucessos de sua vida espiritual, prostra-se para adorá-lo. Nesse momento notamos a nobreza do apóstolo: "Levanta-te que eu também sou homem..." A experiência se repetiu em Listra, quando, após um milagre operado pelos missionários Paulo e Barnabé, a multidão quer-lhes oferecer sacrifícios de holocaustos, cuidando que fôssem deuses. "Varões, porque fazeis esta coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo..."

O anjo, o próprio anjo não se julga digno, impugnando a atitude de João, quando êste, deslumbrado diante do panorama eterno, pretende dar-lhe homenagem indébita:

"E disse-me: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras dêste livro. Adora a Deus."

E, não obstante, é comum aos homens — sempre que as circunstâncias são favoráveis — pretender culto como se fôssem deuses. Alexandre, da Macedônia. Augusto, de Roma. O imperador do Japão. Não interessa prolongar, nem circunstanciar a lista. Interessa, sim, o contraste entre a megalomania dêsses soberanos e a humildade dos santos: aquêles, do alto dos tronos, a querer subir pelos altares; os outros descendo, modestos e leais, para o banco dos adoradores.

E' virtude rejeitar adoração. Tiveram-na Pedro, João, Paulo. Tiveram-na os homens e os anjos.

Jesus, não.

Entra para o lugar de adoração sentenciando: "A minha casa será chamada casa de oração."

Responde à crítica secreta dos fariseus com expressões, para êles, irreverentes: "O Filho do Homem tem poder para perdoar pecados..."

E aos discípulos: "Não queirais ser chamados Mestres, porque um só é o vosso Mestre..." E depois: "Vós me chamais de Senhor e Mestre e dizeis bem, porque Eu o Sou."

Ajoelha-se o ex-cego, súplice a seus pés e Êle não diz como diria seu discípulo: "Levanta-te, que eu também sou homem."

E se outro discípulo, Tomé, arrependido de sua incredulidade chama-o de Senhor e de Deus,

êle recebe a expressão sem um retoque.

Fica-lhe bem.

E é exatamente por isso que não teve a virtude referida. S. Paulo diz: "Não teve por usurpação ser igual a Deus..."

Deus merece adoração.

Que faria o leitor se eu o chamasse de rei? Rejeitaria o título, nobremente. Mas se por ventura (o que não creio), estas linhas fossêm ter às mãos de um rei de verdade, não teria êle outra alternativa senão a de receber o tratamento.

Conta-se de um dos últimos líderes da Europa, que estava, certa vez, incógnito em um cinema. O filme natural apresentava uma apoteose em que êle próprio surgia à sacada do palácio, dominando a multidão. A assistência prorrompeu em palmas. E o notável político perguntava-se a si próprio se acompanharia os aplausos hipòcritamente, ou se se comportaria como uma exceção no meio dos demais, levantando o veu da incognocibilidade.

Jesus foi uma exceção ciclópica no mundo espiritual.

E' virtude moderar-se nos juizos.

Jesus mesmo o ensinou:

— "Não julgueis, para que não sejais julgados..."

Os discípulos, afoitos, pretendem pôr a margem um certo senhor: "Deixai, quem comigo não ajunta ,espalha..." Ao fariseu, também apressado e severo no julgar, quando se banqueteia com êle, e vê a mulher aos pés de Jesus, diz êste: "Uma coisa tenho a dizer-te..." E condenou-o.

Quando, em Corinto, lavrava a discórdia e os crentes eram afoitos em antepôr um pastor a outro, formando partidos, lembra-lhes o apóstolo Paulo a sábia atitude da moderação no juizo: "Nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual também trará à luz as coisas ocultas".

Tão difícil é o julgamento, dadas as limitações de nossos sentidos e de nossa própria mente, que o Mestre incluiu no testamento espiritual que pelo Espírito Santo legou aos apóstolos, esta cláusula decisiva: "Não vos compete saber os tempos ou estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder..."

Aos juizes, é-lhes imposta a responsabilidade de julgar a contigência humana que se faz mistér para evitar a anarquia e ilegalidade.

Espinhosa tarefa!

Raimundo Corrêia, íntegro magistrado patrício, lamentava-se

perante Medeiros de Albuquerque porque um processo em que êste escritor estava implicado fôra ter às suas mãos. Havia já cerca de uma semana que nem podia dormir.

— Pode condenar-me sem receio. Admira-lo-ei mais, dizia Medeiros.

— Mas a dificuldade é que acho que você tem razão.

— E então?

— A dificuldade é que não sei se você tem razão mesmo, ou se cheguei a essa conclusão por ser seu amigo.

O incidente bem expressa a virtude da moderação no juizo.

Jesus não a teve.

Julgava sem rebuços e emitia os juizos mais vigorosos sem vacilação.

Diz a Nicodemus: "Tu és Mestre em Israel e não sabes isto?" Diz à Samaritana: "Isto disseste com verdade: não tenho marido, porque cinco maridos tiveste e o que agora tens, não é teu marido." Diz a Pilatos: "Nenhum poder terias contra mim se de cima te não fôsse dado..." E de Herodes: "Ide e dizei àquele raposa..."

Não só a estranhos. Os discípulos perceberam após rijas decepções que seus corações eram transparentes aos olhares do Senhor. Eis algumas sentenças. Em repreensão a Pedro: "Sai de diante de mim, Satanaz, porque não compreendes as coisas que são de Deus..." Em alusão a Judas: "Aquêle que come pão comigo, levantou contra mim o seu calcanhar." Aos do caminho de Emaús: "O' néscios e tardos de coração para crêr tudo que os profetas disseram." A todos êles: "Que discorreis pelo caminho? Se Alguem quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos..."

Os grupos humanos de seu tempo eram responsabilizados por objurgatórias inesquecíveis.

Ondula a multidão, solícita, pela margem do lago, em busca do multiplicador de pães: "Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes dos pão e vos fartastes."

Fariseus e saduceus recebem igualmente o látego de seu julgamento.

Diz a uns: "Errais, ignorando os Escrituras e o poder de Deus..."

Diz a outros: "Porque pensais mal em vossos corações?..."

Diz aos contemporâneos: "Sois cegos, guias de cegos..." "Coais um mosquito e engulís um camelo..."

"Fechais aos homens o reino dos céus..." "Limpais o interior

do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade..." "Sois sepulcros caiados..." "Serpentes, raça de víboras, como escapareis do inferno?"

Em síntese:

— "Tendes por pai o Diabo." Mesmo cidades inteiras não escapavam: "Ai de ti Corazin, ai de ti Betsaida, porque se em Tiro e em Sidon se fizessem os milagres que em ti se fizeram há muito se teriam arrependido no pó e na cinza. E tu, Capernaum, erguer-te-ás até o céu? Não, descerás até ao inferno..." "Jerusalém, Jerusalém... a vossa casa ficará deserta..."

Moderação no julgar? Por quê? se êle devassava o interior: "Mas o mesmo Jesus não confiava neles porque a todos conhecia; e não necessitava de que alguem testificasse do homem."

E não deviam ser mesmo edificantes êsses panoramas secretos.

E a virtude da confissão e da penitência?

Nobre é o homem que rasga a máscara do coração, num clamor piedoso.

Acompanhemos, por exemplo o salmista: "Contra ti, Contra ti sòmente pequei..." "Sonda-me, ó Deus, e me conhece, vê se há em mim algum caminho mau e guia-me..." "Atolei-me em profundo lamaçal... Tu, ó Deus, bem conheces a minha insipiência: e os meus pecados não te são encobertos..."

S. João, num contraste luminoso, contrapõe os corações: "Se dissermos que não temos pecado, enganámo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Fazemo-lo mentiroso e Sua palavra não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, êle é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de tôda a injustiça."

Daí a nossa admiração pelas figuras que compõem, através dos séculos, a dinastia dos piedosos: Jacob, que se apega ao anjo em Jaboque; Josias, que rasga suas vestes, ao ouvir a Palavra de Deus, redescoberta. Esdras, Nehemias, Daniel que interpretam as misérias de seu povo e se identificam com êle: "Eis que pecamos, e obramos perversamente..." Diz o publícano: "Tem dó de mim, um pecador." Diz o ladrão na cruz: "Nós com justiça recebemos o que nossos feitos merecem..."

E mesmo apóstolos, como Pe-

dro e Paulo. Um "chora amargamente" e outro descortina o passado: "Fui blasfêmo, e perseguidor, e opressor..."

Bem mais nobres que Judas!

Ouço, entre o ulular sinistro de uma humanidade má, a súplica da alma arrependida, chorando como Maria de Betânia aos pés do Nazareno.

Volta-se, pródiga:

— Errei! Perdôa!

Dentre as almas nobres que se confessam e que se penitenciam, vejo Jesus à margem.

Êle não escreveria um livro como "As Confissões" de Santo Agostinho.

Essa obra que vale por tôdas as outras do autor; que se compara à Odisseia pela beleza literária, e à "Imitação de Cristo" pela profundidade espiritual; essa obra que tem sido chamada "espelho interior", "anatomia da alma", "epístola a Deus", essa obra em que o bispo africano é tido como interlocutor que se coloca na frente do Eterno, a sós com Êle no deserto, para uma palestra profunda, e se torna o "delator de si mesmo", — essa obra, te-la-ia escrito Jesus?

Impossível! Faltava-lhe material para "confissões".

Êle é o único Mestre que com justiça pregava aos outros o que Êle mesmo não praticava:

"Necessário vos é nascer de novo..."

"Pai, perdôa-*lhes*, porque não sabem o que fazem..."

Virtudes que Jesus não teve. Como chamá-las?

Virtudes negativas? Auxiliares? Reparativas?

Muletas do Bem, talvez.

Jesus não precisava delas porque estava acima delas. Bom é o remédio; melhor é não precisar dêle. E Jesus é a Saúde do espírito. Bom é tomar aula, melhor é não precisar dela. E Jesus é a Sabedoria de Deus.

Não rejeitava adoração, porque esta lhe era devida. Não se moderava nos juizos para não ser hopócrita. Nunca pediu perdão. Não tinha de quê.

E àquêles, diante de Jesus, que negam sua divindade, desejo mostrar, num incidente histórico, como se me afigura sua atitude. Estava Henrique IV, perdido no bosque, à procura dos companheiros caçadores. Um lenhador, conhecido da região, prontificou-se a guiá-lo e, enquanto cavalgava à garupa do animal de Sua Majestade, travava um curioso diálogo:

— Ouvi dizer que o rei está na mata. Gostaria de vê-lo.

— Pois quando chegarmos à roda dos caçadores, o que ficar com o chapéu à cabeça é o soberano.

Curioso, notou o lenhador o respeito com que os convivas se descobriam, ao se aproximarem. Houve, por fim, silêncio. Henrique voltou-se satisfeito para o guia, com olhos indagadores, mas êste concluiu:

— Um de nós dois é o rei.

E tu, leitor, vais te colocar na posição de Deus, ou vais adorar comigo êsse Deus que baixou ao mundo para "afinar as almas". E bem o poderia se os homens quisessem. Moralmente é tão superior que dispensa virtudes, as virtudes da reparação: "as virtudes que Jesus não teve."

OS ANIVERSÁRIOS DO REI DE BURMA

O rei negro de Burma foi visitar Partsdown. Levaram-no a percorrer a cidade e os edifícios importantes. Em uma grande escola, notaram os visitantes que as alunas preparavam cuidadosamente pequenos embrulhos.

— Que fazem as meninas? — perguntou o rei.

— Preparam presentes que enviarão à rainha Mary, da Inglaterra, por ocasião do seu aniversário.

— Mas por que essas pequenas não me enviam também presentes por ocasião do meu?

— Sire, elas se sentiriam felizes por fazê-lo se conhecessem a data...

— A data? Oh! é muito fácil de guardar: tôdas as terças-feiras....

ROMANISMO

Um telegrama de Madrí, publicado pelo "O Globo", resume a entrevista concedida pelo escritor americano Karl von Weigand a respeito das atividades intensas da Igreja para a execução de um programa vastíssimo que visa ampliar sua influência na sociedade humana. Êsse telegrama informa que o atual Pontífice vai restaurar a Igreja Católica. Essa tentativa de restaurar indica logo que ela está perdendo o seu prestígio. E' isso mesmo que o jornalista afirma, citando fatos para comprovar sua afirmativa. E êles são muitos.

A Polônia que era uma das fôrças consideráveis para o sustento da Igreja, dominada agora pelos soviéticos, representa para Roma uma perda imensa. O Vaticano receia, e com justas razões, que a Rumânia e a Hungria, sob a influência de Moscou, se afastem do romanismo. Se Hitler já causou graves danos à Igreja, Stalin está causando muito mais.

Na Europa ela só está intacta na Espanha, em Portugal e na Irlanda. Em todos os outros paises sua influência decresce.

Há poucos dias os jornais anunciaram que em Roma, o centro internacional do catolicismo, os comunistas fizeram uma parada em que figuravam vinte mil adeptos dêsse credo diametralmente oposto aos ideais da Igreja.

E' fácil compreender que o Papa e o sacro colégio se movimentem no sentido de salvaguardar a influência do romanismo que, como se vê, vai sendo diminuida consideràvelmente.

O plano para restaurar as influências de Roma visa ampliar a organização da Igreja na América do Sul. Para êsse fim Pio XII, segundo informa o telegrama que estamos apreciando, pretende nomear pela primeira vez, um prelado não italiano para secretário do estado do Vaticano. Será o arcebispo de Nova York, monsenhor Spellmann.

Conclui-se dessas notícias que vamos presenciar um aumento vigoroso das atividades do romanismo na América do Sul. De fato isso já está acontecendo. Multiplicam-se as organizações que visam realizar o objetivo especificado pelo jornalista que nos informa. Qual será o resultado dêsse esfôrço? Ainda é muito cedo para prevê-lo.

Comunismo e Cristianismo

Jorge Goulart

Houve um certo tipo de comunismo na Igreja Cristã dos primeiros dias. Foi em Jerusalém, em circunstâncias especialíssimas, em meio de perigos e perseguições. Havia o empenho de não permitir que a irmandade sofresse penúria. Perante os olhos observadores e incrédulos dos inimigos, o sentimento cristão demonstrou tôda a capacidade da nova fé, tôda a grandeza e elevação de espírito daqueles que se uniram a Cristo dentro de tôdas as classes sociais. Foi um movimento espontâneo, único, belíssimo, surgido, como ainda hoje pode surgir e tem surgido, à vista das circunstâncias, no momento próprio. Foi um movimento dentro da Igreja, sem pretensões políticas, sem ares de dominação, de universalização da prática, sem relação com as instituições industriais do dia, sem nivelamento de classes, sem programa semelhante ao do socialismo subsequente.

Era a família cristã valendo-se, amparando-se, defendendo-se, movendo-se de acôrdo com a lei do amor, a lei do Reino que Cristo havia implantado.

A Igreja não é uma instituição política, nem tem a pretensão de solver os problemas econômicos que competem aos governos. A Igreja o que pode fazer é dar o modêlo, é servir de exemplo, é lançar os princípios que norteiam os grandes movimentos do progresso e do aperfeiçoamento humano.

Muitos cristãos pretendem relacionar o comunismo moderno com o comunismo praticado, num dado momento, pela Igreja primitiva. Deveriam êles lembrar-se de que o que nos incumbe é demonstrar pràticamente, na comunidade cristã, o poder do amor. Aquêles que têm duas casas poderiam vender uma e entregar à Igreja em benefício dos pobres o produto da venda; os que estão ganhando em excesso e não têm família, fariam bem em dispensar metade do seu ordenado, afim de tranquilizar a sua consciência evangélica; os ricos deveriam vender as suas fazendas e aplicar o supérfluo no amparo das viúvas e dos órfãos. Alguns estão, realmente, andando

neste caminho e merecem a gratidão e o respeito de todos. Há, entretanto, muitos "comunistas-cristãos" teóricos, os quais falam de bôca cheia em igualdade, em nivelamento social, em repartição de terras, em socorro dos pobres, mas continuam tranquilamente nos seus latifúndios, nas suas sinecuras, no meio de sua fartura e dos seus desperdícios, e ainda amaldiçoam os que interpretam os fatos por outra cartilha...

Deveria haver, de fato, um evangelho mais prático...

* * *

De Marx e Engels até os nossos dias muitas transformações se operaram. Mudanças econômicas, sem dúvida, mas também muita alteração nas próprias teorias. Do socialismo de Marx ao de Stalin a evolução foi grande... Da abolição da propriedade até à propriedade coletiva dos instrumentos de produção apenas. Da extinção de tôda forma de govêrno para um govêrno de partido. Da supressão da família para a admissão da família por necessidade da moral. Do internacionalismo para um nacionalismo ardoroso e quase semelhante ao velho nacionalismo. Da luta de classes, da "catástrofe" inevitável com o extermínio do capitalismo, para um capitalismo moderado, um reinado de ordem, um regime de amor e de paz. De um "materialismo histórico", isto é, uma explicação econômica para todos os fatos, uma causa única e o resultado fatal daquela fôrça, até um novo conceito da vida, uma admissão de fatores morais e espirituais, um novo reino dos céus...

Quem vê a Rússia, por exemplo, através dos livros romanceados ou dos relatórios feitos sob prismas otimistas e generosos, como o do Deão de Cantuária, ou mesmo das reportagens apressadas de jornalistas que tiveram permissão para devassar um que outro cenário da grande nação bolchevista, não pode deixar de concluir pela feliz evolução política e social, moral e espiritual, da grande revolução que abateu o trono dos czares e transformou a vida econômica da velha nação slava. A experiência do sistema, a aplicação da técnica e sua retificação, o amortecimento do ardor revolucionário e o consequente restabelecimento do pêndulo ao seu equilíbrio após os excessos inevitáveis, e, finalmente, a grandeza do perigo chamando todos à razão e despertando, de novo, violentamente, o sentimento patriótico, o amor à pátria comum, tudo havia de concorrer para as alterações que se notam, sem se levar em conta as enormes restrições à liberdade que o sistema impõe.

E se na Rússia seria assim, muito mais nos países que receberam dela a lição e a influência. Liquidada a Terceira Internacional, teriam os partidos ou celulas espalhadas pelo mundo de ir tomando as cores nacionais e de ir aceitando as inovações e as modificações aconselhadas pela prudência ou pela astúcia. No Brasil a situação foi curiosa. De tal sorte se transfigurou o partido comunista em partido semi-capitalista e cristão que o relator do parecer sôbre a legalidade do agrupamento, em face das leis eleitorais, não pôde senão deferir a sua pretensão ao registro. Esta a razão por que, sem dúvida, tantos cristãos se deixaram atrair pelo programa comunista. Havia concidência de propósitos. Haveria também de sentimentos?...

* * *

Pode, então, o cristão ser comunista? Se houve um repúdio da teoria, da doutrina, da filosofia e da técnica, se o partido comunista é um partido como os outros, sem ideologia ateística, sem mística política internacionalista; se se trata apenas de um sistema político semelhante aos outros, liberais, democráticos, sem exigências que obriguem a consciência cristã, sem juramentos que anulem a liberdade individual e rebaixem e aviltem a personalidade e a dignidade humana; se o comunismo que está sendo pregado não é "comunismo", não vemos por que negar ao crente o direito de ali permanecer. Nome pouco importa, o que importa é a substância, é o fato, a realidade.

Na Igreja Primitiva houve um comunismo, um comunismo dentro da Igreja, um movimento do coração, coisa espontânea, livre, voluntária, o qual não teve curso senão em Jerusalém. Ficou, em caráter permanente, o espírito que pode produzir os mesmos frutos. Não era coisa política; não interferiu com o govêrno romano que nem tomou conhecimento dêle. O amor produz o bem.

O comunismo que surgiu como reação contra os sistemas econômicos vigentes nos tempos modernos foi filho de ódios, de recalques, de revoltas. Preconizava a luta de classes, a violência, a brutalidade como essenciais e inevitáveis. O ódio nada produz de útil e permanente.

O comunismo do Brasil é "sui generis", é renovado, é outra coisa, dizem. Convirá ao cristão filiar-se nele? Parece-nos que não. As razões são óbvias:

E' muito difícil separar o fruto da árvore que o produz; fruto que não vem da raiz, da seiva, da própria árvore, não é fruto, é imitação, é coisa sem o sabor de vida.

Mais dia menos dia, pode sobrevir a amargura da desilusão. Nas circunstâncias atuais, quando ainda não estão bem definidos os planos, os propósitos, isto é, a completa separação entre a origem e o programa atual, pode causar escândalo e incompreensão, a participação de indivíduos filiados a um credo cristão num partido chamado comunista. Além do mais, não há necessidade disso. Há partidos democráticos, de fundamento mais cristão, de origem mais pura, em que se filiem, a fim de exercerem os deveres e privilégios de cidadão. Devem refletir aquêles que desejam conservar os seus princípios cristãos e se aliam a instituições cuja ideologia pode colidir com os nossos princípios. Todo o açodamento no sentido de aceitar responsabilidade tão grave é um perigo. Sejamos prudentes.

VOCÊ SABIA...

— Que, em 1789, a população dos Estados Unidos era de 3.929.214 habitantes?

— Que foi Disraeli quem disse: *"A Inglaterra nunca é tão grande quanto na adversidade"*?

— Que há no mundo cêrca de 692.400.000 cristãos?

— Que, em 1778, quando Voltaire morreu, a "Gazzette de France" noticiou o acontecimento na última linha da última coluna da última página?

— Que a notícia do falecimento de Voltaire publicado na "Gazzette de France" foi a seguinte: "O Sr. de Voltaire, um dos quarenta, morreu esta manhã"?

— Que na Rússia Soviética há apenas um partido político permitido pelas leis e que êste partido conta com dois milhões de membros, representando, portanto, 1,2 % da população de tôda a Rússia?

— Que os índios do Vale Amazônico falam 40 línguas diferentes e que, alem dessas, possuem êles 250 dialetos?

SÓLOS TÃO DIFERENTES...*

Jorge Cesar Mota

O capítulo do Evangelho segundo Mateus que regista a parábola conhecida como *do semeador* começa com a informação de que Jesus *saiu de casa* e procurou um lugar solitário na praia do lago de Genesaré, alí mesmo onde escolhera, tempos antes, alguns dos seus mais notáveis discípulos. O Mestre já por várias vêzes defrontara com a hostilidade de alguns ambientes e verificara, decepcionado, quão diversos são os modos como a semente da verdade é recebida. Não sabemos quanto tempo conseguiu Jesus ficar sòzinho, naquele dia, em companhia só de Deus e de seus profundos pensamentos, naquele lugar tão evocativo, mas é justo imaginar que as parábolas referidas à multidão que se agrupou ao pé dêle para ouví-lo, refletem o estado do seu espírito e os problemas em que estivera meditando. Tivessem ou não sido proferidas as sete parábolas do Reino (ou oito, com a da Semente contada por Marcos) nesta mesma ocasião, o certo é que elas constituem um todo indivisível se quisermos bem compreender os diferentes aspectos do Reino que Jesus veiu prègar entre os homens.

A primeira da série devia chamar-se antes a *parábola dos terrenos diversos*, pois, de fato, a intenção do seu autor parece ter sido frisar a variedade de solos que o grão vai encontrando. A figura do semeador e a própria semente ocupam na historieta lugar secundário.

Dentre os leitores dêste pequeno artigo talvez haja muitos estudantes e a êsses a nossa parábola interessa de um modo especial pois trata das variadas maneiras de se receber a semente da palavra, o germe do pensamento e das idéias. Poderão êles, à medida que forem meditando sôbre o assunto, examinar-se a si mesmos na sua qualidade de ouvintes da verdade científica, mas não devem perder de vista que, aqui "semen

(*) Meditação sôbre Mat. 13:1-9, 18, 23.

est verbum Dei", a semente é a palavra de Deus. Também é curioso notar, nesta altura, que Jesus começou a sua história dizendo: "*Ouvi*, pois a parábola..." e fechou-a com a sentença: "Quem tem ouvidos, ouça".

A que tipo de terreno pertence o coração do leitor, na classificação de Jesus Cristo?

* * *

O *semeador saíu a semear*... O divino Mestre vai falar de um reino novo, e a figura que escolhe não é a de um general à frente de um exército vitorioso num campo de batalha, mas a de um humilde obreiro agrícola espalhando com generosidade a semente num terreno de plantio. Digno de nota é o gesto de quem deixou o confôrto de uma situação tranquila e calma para *sair* a semear. Não nos acode à memória aquela passagem de Paulo em Filipenses, (2) "...Jesus Cristo que, sendo em fórma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz?" Note-se também, na mutiplicidade de terrenos que a semente vai encontrando, implícita a idéia da liberdade de pensamento. O método usado pelo Reino da verdade é o da persuasão, nunca o da fôrça. "Amplíssima, senão infinita, escreve o genial Castilho, é a liberdade de pensamento; e quando a consciência o dispara como seta aguda ao alvo da felicidade, não há autoridade humana que o possa anteparar. Tudo submeteria o homem ao contrato da sociedade afóra o pensamento que é filho de Deus, e o juizo que é filho do pensamento, e a palavra que é filha do juizo." E ainda: "...Quando a liberdade, que por ora apenas balbucia à roda do seu berço, se torna adulta, e recebendo a corôa que por Deus lhe está destinada desde a origem dos séculos, se desposar com o mundo, então custará a compreender como houvesse restrições sancionadas para a palavra humana."

Quando semeava, uma parte da semente caiu à *beira do caminho*. Era chão duro e nem sequer percebeu o toque da semente. Disse Jesus, na interpretação, que é assim com "alguem

(2) "Palavras de um crente", do Pe. Lamennais, proêmio do tradutor, A. F. Castilho.

que ouve a palavra e *não* a *entende*". Por quê? Porque um caminho só pode compreender cousas relacionadas com caminho. Entende de passos dos homens, rodar de corros, e talvez só com o estrépito dos cavalos "o chão debaixo todo treme"; como iria notar a visita de uma sementezinha? Que é que pode saber uma estrada a respeito de pequenos, humildes e débeis corpúsculos, plenos embora de vida, poder e energia? Um campo preparado para a semeadura, se nos é permitido usar esta linguagem, como que avaramente agarraria a semente, ajudando-a a ocultar-se no seu seio, facilitando a sua fuga aos inimigos, compreendendo-a, simpatizando com a sua vocação e auxiliando-a a cumprí-la, oferecendo-lhe tudo o que possuisse para possibilitar a eclosão do seu riquíssimo potencial. O caminho, porém, nem sequer se comove ou impressiona à aproximação dos pássaros para a arrebatarem. O seu interêsse está posto noutras realidades, mais objetivas, sensíveis, maiores e mais turbulentas...

Mas admira como o semeador consentiu que a semente caisse à beira do caminho. E' que havia estradas e trilhos cruzando a seara e o lavrador, ao lançar os grãos à terra que confinava com êles, não tinha a preocupação de *impedir* que a êles também fôsse ter a semente promissora. Já agora, pois, o que nos espanta é a generosidade do seareiro. Há muita semente e não há tempo a perder com o egoístico empenho de a não deixar cair "daqui para lá". O semeador possui semente em abundância e não tem motivo para economizá-la. A parábola acrescenta então que a semente que caiu no caminho não ficou inútil, mas foi aproveitada pelas aves, que a comeram. "Olhai para as aves do céu... Vosso Pai celestial as alimenta". Aqui elas foram alimentadas com a semente lançada no caminho. "Deus manda a chuva sôbre justos e injustos" ,é outra passagem que poderíamos lembrar aqui. As bençãos do Evangelho não são mesquinhamente reservadas sòmente para os crentes. Deus é generoso, e o mundo todo vem recebendo, dia após dia, direta ou indiretamente, os benefícios da prègação da Palavra de Cristo. Quando nos lembramos de que o mundo antigo não conhecia hospitais, orfanatos e asilos, e não compreendia a compaixão dos homens cultos e poderosos pela massa ignara e pelas raças selvagens, então percebemos como foi imensa a quantidade de

semente que caíu à beira do caminho. O Reino de Deus não deve mesmo ficar circunscrito às catedrais, aos templos, aos lares cristãos.

Depois de compreendermos dêsse modo o sentido da semente caida à margem do caminho, ficamos perplexos com a interpretação do próprio Mestre: "... Vem o Maligno..." Pensemos um pouco.

O Maligno representa o "inimigo dos pensamentos sérios" que arrebata a semente que não se pôde "esconder em um sulco da alma, pois esta era uma planície lisa." Trata-se do "homem indiferente, que a rotina ou a prosperidade insensibilizou. A sua alma carece de sulcos abertos pelo arado da dor, ou da grande preocupação que dê asilo às sementes lançadas pelo semeador." (*)

A semente foi aproveitada pelas aves, mas o seu objetivo era muito outro. O que há de pecaminoso e *maligno* no fato de a verdade vir a realizar benefícios indiretos é o desvio da sua precípua finalidade. A História, na verdade, revela como a mensagem do Evangelho tem passado por corações insensíveis que a aproveitaram para outros fins, aliás muitas vêzes nobres. Entretanto, aquêles mesmos alvos teriam sido atingidos normalmente, depois de o grão haver beneficiado primeiro os corações em que caiu. "A palavra não volta para Deus vasia" — sempre produz frutos, porém a meta inicial é a conversão do caráter do homem. Os problemas sociais, aqui simbolizados pelo sustento material, serão resolvidos muito mais eficientemente se o mundo souber aproveitar os princípios pregados pelo Cristianismo antes de mais nada na transformação das vidas. Um grão, apenas comido, podia sem dúvida auxiliar o desenvolvimento do pássaro como o princípio cristão que manda fazer bem aos inimigos pode levar membros da Cruz Vermelha a socorrer soldados que lutaram por outra bandeira, encontrados feridos e necessitados no seu caminho, mas um grão semeado podia ter produzido trinta outros e até sessenta ou mesmo cem, assim como as nações serão infinitamente mais felizes quando os princípios de Cristo forem não só postos em prática com objetivos imediatos de benefícios sociais, mas vierem a realizar êsse milagre atra-

---

(*) J. A. Mackay, "Eu, porém, vos digo", Trad. J. Mota, pág. 199.

vés do crivo das almas antes trabalhadas e transformadas por êles.

Outra parte caiu *nos lugares pedregosos*. A terra era aparentemente boa, mas na realidade consistia só de uma camada superficial cobrindo uma rocha, mais dura ainda do que o caminho. Símbolo dos ouvintes apressados que pensam ser bastante ouvir com os ouvidos e entender com a cabeça. Não é suficiente compreender a verdade, isto é, reconhecer, mesmo com entusiasmo, as altas finalidades do Evangelho. Isso não aproveita, uma vez que o coração não se abalou, não sentiu o contacto da graça vivificante e regeneradora da verdade. Falta a experiência; faltam as raizes profundamente arraigadas na personalidade; falta a comunhão com a fonte da vida donde a alma retira as reservas com o que compensa a energia gasta nas lutas e provações da existência. A plantinha não encontra, no subsolo, a água de que precisa para substituir a que o sol abrasador lhe subtraiu pela evaporação. Êste é um fenômeno natural e também necessário, mas é preciso que a planta possua as suas reservas, a sua fonte de vida e de compensação. A falha não está no fato *externo* de sobrevirem as "tribulações e perseguições" — sem sol não pode a semente prosperar — mas no fato *interior* da carência de recursos sempre permanentes donde há de ir tirando a seiva que é a própria vida da planta.

Outra caiu entre espinhos. Aqui a terra é boa, mas está ocupada com outra espécie de sementes. Tipo daqueles que recebem de bom grado tôda a sorte de ideias, venham de onde vierem. Aceitam tôdas as filosofias da vida, mesmo as contraditórias. Quando a verdade do Evangelho foi ter ao seu coração, já lá se encontram duas filosofias diferentes: a dos "cuidados do mundo" que é a teoria oportunista de que não se devem prejudicar interêsses profanos mesmo em favor de ideais muito elevados, o mais ajuizado sendo a contemporização, a síncrese, e a

da "sedução das riquezas", que é a filosofia materialista de que o objetivo do homem é ficar rico, ou pelo menos gozar até onde fôr possível os bens materiais. Êstes "seduzem", na linguagem de Cristo, mas, ainda no conceito do mesmo Mestre divino, são extremamente perigosos.

Imaginemos uma ilustração. Quando a semente do Reino de Deus, cheia de promessas de vida abundante e feliz, caiu no coração do estudante, já lá encontrou espinhos. O moço estudava para ser rico, buscando conhecimentos científicos e técnicos que lhe facilitassem o caminho para a realização do seu grande ideal: enriquecer. Como é difícil compreender que a finalidade do homem não é essa, egoista e interesseira, porém o serviço! Que as riquezas podem vir como um prêmio do seu labor dedicado, mas o jovem não deve ficar seduzido por elas. Terá o estudante, ao receber a semente da filosofia certa, coragem suficiente para substituir por esta a outra materialista que antes abrigava no coração? Terá êle fôrças para deixar-se seduzir pelo ideal de serviço a Deus e aos homens?

Os "cuidados do mundo", os respeito humanos, as preocupações dominantes sôbre coisas secundárias em prejuizo dos ideais cristãos que deviam ser dominantes e se tornam secundários... Que pena! falta energia ao moço para desistir dos compromissos mundanos por amor aos mais altos valores que agora conhece!... Não é de admirar, pois, que "fiquem infrutíferas" verdades tão sublimes, princípios tão perfeitos, semente tão plena de vida, ao cairem em coração assim repartido pelos variados interêsses profanos, embora seja um solo por si mesmo propício ao desenvolvimento do grão.

Nas pessoas de coração dividido, o caráter é fraco demais para resistir aos embates das tentações do mal, de sorte que não se podem esperar frutos de pensamentos permanentemente oprimidos, abafados e sufocados por fôrças cada vez mais desenvolvidas, que acabam por determinar a diretriz da própria personalidade.

Outra caiu em boa terra, isto é, naquela cujas características são exatamente opostas às dos terrenos anteriormente referidos, de sorte que a semente encontrou o meio adequado ao seu completo desenvolvimento. O dr. Mackay assim aprecia a condidição dêsse tipo de solo fertil,

em contraposição com os demais: "Os hábitos rotineiros e os preconceitos não lhe insensibilizam a alma. Conserva a mente aberta a tôdas as ideias, perplexidades, e problemas do mundo em que vive. Não se enamora, rapidamente, de todos os novos conceitos ou propostas que lhe aparecem; dá-se tempo para pesá-los. Porém, uma vez convicto de que uma das ideias que lhe foram apresentadas é de importância transcendental, então, como ao toque de uma vara mágica, desaparece da sua vida tôda a ambição inferior, e se consagra, de corpo e alma, a dar expressão à ideia que o cativou. Desde êsse momento, o seu lema é o de Paulo: "Uma coisa faço", e repete-se na sua vida a história daquele homem que encontrou o tesouro." (*)

Então, caro leitor, a que tipo de terreno pertence o seu coração, segundo a classificação de Jesus Cristo?

(*) J. A. Mackay, "Eu porém vos digo", pág. 206.

QUEM DISSE?

Respostas das perguntas da página 10:

1 — Joubert.
2 — Franklin.
3 — Marx.
4 — William Penn.
5 — Vitor Hugo.
6 — Horácio.
7 — Horne.
8 — Jesus Cristo.
9 — Guicciardini.
10 — Napoleão.

Carta a Um Coração

"Correspondência íntima" é o título de primoroso capítulo de um livro de Constâncio Vigil. E' delicada antologia de epístolas, escritas com o coração para outros corações. A primeira é endereçada ao coração sensível de uma mulher que batera no filho. A outra fere profundamente a sensibilidade. E' a uma filha extraviada:

"Volta ao lar, ovelha desgarrada. Teus velhos pais abraçar-te-ão chorando de alegria. Assusta-te ante seus gestos de ameaças? Para deter-te o fazem, tal quando eras pequenita e desavidamente te acercavas de um abismo...

"Volta. Como êles ninguém há de querer-te. Como sua carne, nenhuma compreenderá tua fraqueza. Como seu coração, nenhum compreenderá tuas loucuras.

"Querem fazer-te compreender o quanto tua ação doeu-lhes. Permite-lhes êsse cônsolo. Já são tão velhos! E passam os últimos dias pensando em ti e no que farás quando êles morrerem. Certas noites, o ancião em vigília ouve suspirar tua mãe e exclama: — "Que vergonha! Sofrer por uma perdida!" E tua mãe, então, finge que dorme. Êle também. Mas suas cabeleiras brancas a todo o momento se movem no travesseiro que a todo momento se molha das suas lágrimas.

"Volta! Ao teu regresso, dormirão tranquilos e em segredo repetir-se-ão que és boa e que aquilo... não importa!"

O MELHOR PARTIDO

Adauto Araujo Dourado

Quando a tarde cai e a noite se aproxima, procurando encobrir tôdas as coisas com o seu manto escuro, nesta hora crepuscular, atravessando as ruas, é fácil encontrar bandos de meninos, brincando alegremente. Um toma do papelão e faz dêle um quepe, põe na cabeça, junta um pedaço de pau à cintura, como se fôsse espada, transforma-se num capitão, que grita com voz de comando e governa.

E nós ficamos a pensar: Como é fácil ser capitão, governar, entre as crianças!... Mas, nós também trazemos muito dessa mentalidade de criança para a vida. Sonhamos sempre com vitórias fáceis. E aí está o segrêdo da popularidade do "jôgo do bicho" e das loterias. Mas, mesmo entre aquêles, que por formação moral mais elevada, não jogam, encontra-se ainda o desejo de vitórias fáceis: sonhamos com a morte de um parente rico, com um casamento afortunado, com um prêmio inesperado, enfim com uma dádiva dos céus que nos torne ricos e felizes de uma hora para outra.

Essa atitude, quando exagerada, traz graves consequências. Daí o conselho sábio de S. Paulo: "Não cuideis das coisas altas, mas acomodai-vos às humildes". Devemos ensinar o povo a não esperar vitórias fáceis, mas a lutar, enfrentar o mundo com os seus obstáculos e a vencê-los. Assim evitaríamos muitas decepções, à semelhança do poeta que cantava:

"Hoje ao contrário dos tempos de [rapaz,
Os desenganos vão comigo à [frente,
E as esperanças vão ficando [atraz".

A maioria dos homens enfrenta um mundo duro, difícil de viver, cheio de injustiças sociais e o melhor será ensinar os homens a tirar o melhor das situações embaraçosas, e transformar os motivos de fracassos em degraus para a vitória.

O salmista nos fala do homem feliz, como sendo aquêle que passando pelo vale de Baca dêle faz uma fonte. A palavra Baca vem da mesma raiz do verbo chorar, assim o vale de Baca seria o vale das lágrimas, em que a sequidão era tanta, que os que

passavam por alí outra coisa não podiam fazer a não ser chorar. O homem feliz, na expressão do salmista, é o que tem a capacidade de passar pelo vale de lágrimas e transformá-lo numa fonte de alegria.

A figura usada pelo salmista se torna ainda mais vívida, quando nos lembramos de que a Palestina é uma terra seca e de que quase tôda a sua cultura se desenvolve em tôrno de pequenas fontes de água, que dão ao povo daquela região sequiosa bonança e bem estar. O homem feliz, portanto, é o que, passando pelo vale de Baca, vale deserto e de lágrimas, faz dêle uma fonte de alegrias e bem estar.

Deveríamos aprender a arte de tirar o melhor das mais duras e difíceis circunstâncias em que nos encontrassemos.

Claro está, que não nos será possível tirar o melhor partido da vida, quando se nos apresenta trabalhosa, difícil e cheia de obstáculos, se não estivermos especialmente preparados para isso.

O homem bem-aventurado do salmista, que é capaz de passar pelo vale de sofrimento e lágrimas e fazer dêle uma fonte de alegria, preparou-se na Casa de Deus, tanto assim que exclamava:

"Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!

A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do Senhor: o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo".

Na Casa de Oração, ouvindo atentamente a leitura da Palavra Santa, que é maná do céu que nos alimenta a alma, cantando hinos de louvores e, elevando-nos a alma a Deus em prece fervorosa, formamos o lastro moral e religioso necessário para enfrentarmos a vida, mesmo quando se nos apresenta cheia de tentações, angústias e lágrimas.

Quando Moisés, o grande líder do povo de Israel, faleceu, houve uma crise angustiosa de dor e perplexidade. Quem o substituiria? Quem seria o continuador dessa obra? Quem seria capaz de levá-la até o fim? O homem indicado foi Josué, justamente aquêle que desde o alvorecer da vida costumava estar sempre na Tenda da Revelação.

Os jornais trazem sempre notícias de suicídios. Os suicidas eram pessoas que viviam bem, quando tudo eram flôres, quando as águas corriam mansas e tranquilas, mas quando veio a borrasca inesperada, suscumbiram,

porque não estavam preparadas para a vida.

A vida atual mais do que nunca está exigindo preparação. E' preciso preparar o físico. A luta é tão forte, que o fraco fisicamente, só com muita dificuldade poderá viver. E por isso se multiplicam os campos de esporte, as piscinas, o atletismo, enfim.

Prepara-se o homem intelectualmente. Hoje a vida é por demais difícil para quem não sabe pelo menos ler e escrever. Por isso é patriótico todo o esfôrço que vise à diminuição dos nossos 75% de analfabetos.

E' necessário preparar o homem técnicamente. Vivemos numa época de especialização. Exige-se que o homem saiba fazer bem determinada coisa. É muito difícil encontrar emprêgo para quem sabe fazer tudo. Há trabalho sòmente para quem se especializou em determinado ramo da atividade humana.

Preparamo-nos para tudo; e muitas vêzes nos esquecemos de preparar-nos para a vida. Daí o quadro do homem preparado fisicamente, intelectualmente e técnicamente fracassar, por falta de preparo moral e religioso para a vida.

Os cristãos verdadeiros, que podem dizer como o salmista: "Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos! A minha alma está anelante e desfalece pelos teus átrios; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo"; êstes estão preparados para enfrentar o infortúnio. E o grande pregador Crisóstomo, num dos seus mais famosos sermões, estabelece uma comparação chocante pelo vivo contraste, entre o incrédulo e o crente em face da morte. Êste a encara com serenidade e confiança na sabedoria e misericórdia divina.

Para ter a capacidade de tirar o melhor partido da vida, é necessário não sòmente a preparação, mas ainda ter uma fonte perene de energias que nos fortaleça sempre. O homem feliz que o salmista descreve, capaz de passar pelo vale de Baca, vale de tribulações e lágrimas e fazer dêle uma fonte de alegrias duradouras, é aquêle *cuja fôrça está em Deus.*

Os comunistas, na sua campanha anti-religiosa, diziam que a religião é o ópio do povo. E eu concordo com êles, em que a religião que é ópio deve desaparecer. Mas, nem tôda religião é ópio. Há uma religião, a religião do Cristo vivo dos Evangelhos e da nossa experiência, que é fôrça, que é poder para vencer as durezas e amarguras da vida.

Por isso o salmista exclamava: "Feliz é o homem cuja fôrça está em Ti".

Deus é uma fôrça viva na experiência do crente. Êste não espera que Deus faça tudo por êle, nem que Deus faça o que êle pode fazer, mas espera em Deus para fortalecer os seus braços e dar-lhe fôrças para terminar a sua tarefa. O crente sabe que "os que esperam no Senhor renovarão as suas fôrças, subirão com asas como águias: correrão e não se cansarão; caminharão e não se fatigarão".

Os países evangélicos são os mais laboriosos; porque o verdadeiro cristão não pode ser preguiçoso. A Bíblia, o livro que êle traz na mão e escrito também em sua alma, é dinâmico, capaz de inspirá-lo e impulsioná-lo de tal maneira que o torna heróico. Deus é a sua fôrça e êle se habitua tanto a lutar e vencer que chega a dizer como o apóstolo Paulo: "Tudo posso naquele que me fortalece".

A Bíblia coloca-nos diante dos olhos personalidades vivas, que lutaram e venceram, e aprendemos com elas o segredo da vida vitoriosa.

Um crente orava assim: "Senhor, eu não te peço que me diminuas a carga, mas que me fortaleças as costas". A nossa luta poderá ser penosa e difícil, mas nunca será insuportável, se tivermos em Deus uma fonte de energias, se o Senhor for a nossa fôrça.

Precisamos ainda de segurança para tirar o melhor partido da vida, para transformar o vale de Baca em fonte. Não poderemos lutar com entusiasmo e ânimo forte se não tivermos segurança. Queremos segurança no trabalho, no amor, em tudo. Onde encontraremos segurança neste mundo em que tudo muda?

O homem feliz que o salmista nos descreve, capaz de passar pelo vale de Baca, vale de tristezas e provações e transformá-lo numa fonte de alegrias, tem a sua segurança em Deus. "Senhor dos Exércitos, feliz é o homem que em Ti põe a sua confiança". Sòmente uma confiança em Deus, neste Deus que não muda, nos poderá dar segurança, neste mundo em que tudo muda.

Muitos procuram segurança nos amigos. E terão tremendas decepções. Quem sabe chegarão a dizer como Belmiro Braga:

"Se entre amigos encontrei ca-
[chorros,
Entre cachorros, encontrei-te,
[amigo".

Os amigos quase sempre falham e não nos podem dar segurança. A história do Filho Pródigo se repete. Alguem já disse que os amigos são como as andorinhas. Nos dias claros e alegres de verão estão conosco e nos abandonam ingratamente nos dias tristes e frios do inverno.

Outros procuram ter segurança, acumulando dinheiro. Têm confiança no capital. E eu tenho pena dessas pessoas, porque nada nos pode dar menos segurança do que o capital, principalmente nos dias que atravessamos, de rápidas transformações sociais. Causa dó ver o olhar apreensivo e o coração palpitante de muito capitalista, quando ouve falar em comunismo.

Há ainda os que querem ter segurança, confiando em si mesmos. As decepções também não tardarão. A fortaleza humana é muito frágil. Não raramente nos decepcionamos com nós mesmos.

Para termos segurança real precisamos confiar em Deus, no Deus verdadeiro, que é "um sol e escudo, que dará graça e glória e que não negará bem algum aos que andam retamente".

Conta-se que os pescadores da Bretanha, quando vão pescar, ajoelham antes na praia e oram: "Senhor Deus! Protege-nos! O nosso barco é tão pequeno e o teu mar é tão grande!" Esta deve ser a nossa atitude para com a vida, atitude de confiança em Deus, que nos dá segurança.

Resumiremos assim: A vida para a maioria dos homens é difícil e cheia de sofrimentos e injustiças sociais. E' necessário formar a mentalidade, que seja capaz de tirar o melhor partido, mesmo quando a vida é cheia de tribulações. Precisamos do estilo de vida do homem bem-aventurado que o salmista nos apresenta, o qual é capaz de passar pelo vale de Baca e transformá-lo numa fonte de alegria e bem-estar. Para isso precisamos de uma preparação espiritual, de uma fonte de energias para robustecer as nossas fôrças enfraquecidas e também de confiança em Deus que nos dá segurança.

De uma feita, Jesus perguntou aos seus discípulos: "Que diz o povo ser o Filho do homem?" Os discípulos deram várias opiniões. Depois o Mestre fez uma pergunta direta: "E vós, continuou Êle, quem dizeis que sou eu?" Em nome do colégio apostólico, Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". E Jesus deu-lhe as chaves do reino dos céus. Quem reconhece pela fé e pela

experiência que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus vivo, tem as chaves para abrir os segredos da vida, entrar triunfantemente nela e transformar os vales de Baca em fontes de alegrias perenes.

Jesus Cristo nos ensinou que o Reino de Deus é semelhante a um negociante que buscava boas pérolas e tendo achado uma de grande valor, foi vender tudo o que possuia e a comprou.

A pérola de grande preço é Cristo. Vale a pena fazer tudo para o possuir. A vida só possui significado real, quando Cristo vive em nós. Resolver entregar-nos incondicionalmente a Cristo, o Salvador que morreu para nos salvar, é tirar o melhor partido da vida.

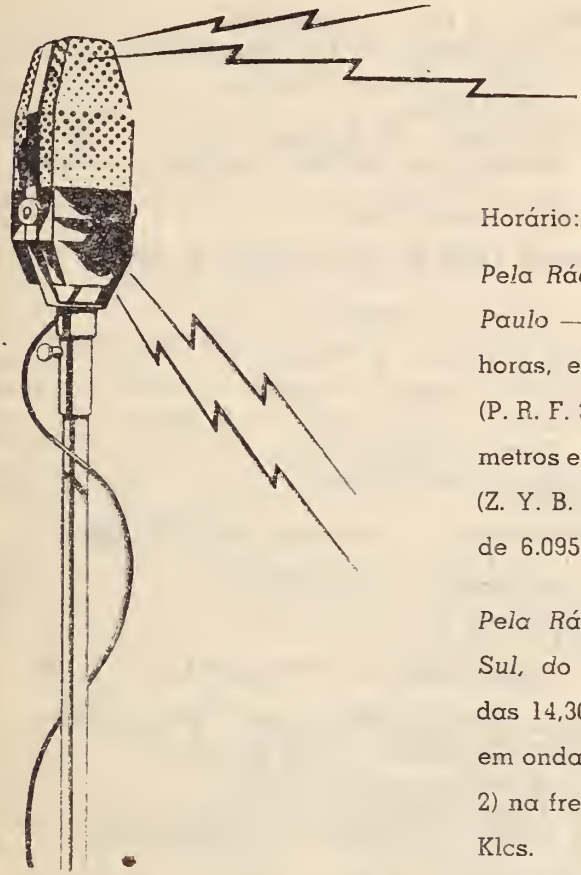
✪ ✪ ★ ✪ ✪

A IGREJA E O ESTADO

"A Igreja deve criticar o Estado sem temor, quando êste abandona os princípios da justiça. Sua lealdade a Deus e à sua própria consciência, e a sua defesa da justiça são, em última análise, a melhor defesa do próprio Estado. Mas a história mostra que há três perigos que confrontam cada igreja. Há sempre o grave perigo de que a Igreja, em seu desejo de servir, permita que seu próprio pensamento seja controlado pelo da maioria do povo. Segundo, a Igreja poderá tornar-se tão dependente do Estado ou ficar tão completamente sob sua influência, que deixe de exercer função positiva e construtiva de crítica. Finalmente, a pressão do Estado poderá persuadir a Igreja a isolar-se de qualquer serviço público em benefício da nação e do povo."

Do relatório da Conferência Internacional de Missões, reunida em Madrasta, em 1938.

OUÇA AOS DOMINGOS OS PROGRAMAS DO "INSTITUTO DE CULTURA RELIGIOSA"



Horário:

Pela Rádio Difusora São Paulo — das 14 às 14,15 horas, em ondas longas (P. R. F. 3) 960 Klcs., 312,5 metros e em ondas curtas (Z. Y. B. 7) na frequência de 6.095 Klcs. 49,22 mts.

Pela Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro, das 14,30 às 14,45 horas, em ondas longas (P. R. D. 2) na frequência de 1.066 Klcs.

UNIÃO CULTURAL EDITORA

NOSSAS EDIÇÕES

VARÃO DE DORES - 3.a Ed. — Miguel Rizzo 12,00
O CÂNTARO ABANDONADO - 2.a Ed. - Miguel Rizzo 10,00
RELIGIÃO E CULTURA — Erasmo Braga 12,00
ADÉLE KAMM — Paul Seippel 15,00
MEDITAÇÕES DO OCASO — G. Rostagno 12,00
PROBLEMAS SOCIAIS DO MUNDO ATUAL — João Del Nero 12,00
LENDAS E FATOS — Miguel Rizzo 15,00

OUTROS LIVROS QUE TEMOS A VENDA

AOS AFLITOS — Albert H. Roehrich 5.00
TESES — Apresentadas ao 1.o Congresso de Cultura Religiosa em Janeiro de 1940 25,00
VARONILIDADE DO MESTRE — Fosdick 10,00
AS SETE CARTAS DO APOCALIPSE — J. B. Stella 12,00
ALEGORIAS — Huberto Rohden 7,00
O LIVRO DIVINO — Huberto Rohden 2,00
ROBINSON CRUSOE' 7,00
HISTÓRIAS PREDILETAS — Compilação de Nell P. Moore . 7,00
FE' CRISTÃ — O. A. Curtis 18,00
HISTÓRIA DO METODISMO — Paul E. Buyers 30,00
PINOCHIO — C. Collodi 10,00
ARTE DE PREGAR — Broadus 18.00
SENTIDO DA NOSSA HERANÇA ESPIRITUAL — C. W. Turner 8,00
O QUE UM JOVEM ESPOSO DEVE SABER — Sylvanus Stall 6,00
MÃES DE HOMENS CELEBRES — Eula K. Long 5,00
COMO PENSA O HOMEM — James Allen 2,50
BASES CRISTÃS PARA A ORDEM MUNDIAL 8,00
HISTÓRIAS DE AMOR DE GRANDES MISSIONÁRIOS — B. M. Brain 3,00
ENSINO DOS PROFETAS - 2.a Ed. — William B. Lee . . . 2,50

HISTÓRIAS MORAIS E CRISTÃS PARA CRIANÇAS	4,00
WESLEY — Paul E. Buyers	3,00
O SIGNIFICADO DA ORAÇÃO — Fosdick . . . . . Enc.	8,00
Broch.	6,00
PROBLEMAS DO ESPIRITO SANTO — Luiz Quinto	3,00
CARTAS SOBRE O BATISMO — Rev. Dr. E. B. Fairfield	3,50
CRISTIANISMO INTRÉPIDO — E. M. Amaral	6,00
SEMBLANTE DO MESTRE — J. R. Miller	3,00
CRESCIMENTO MENTAL - 3.a Ed. — João Toledo	12,00
PONTOS PRINCIPAIS DA CRENÇA CRISTÃ — Brown	8,00
EDUCAÇÃO RELIGIOSA — A. J. W. Myers	3,00
ALICERCES HISTÓRICOS DO CRISTIANISMO — C. W. Turner	10,00
LIVINGSTONE - O PIONEIRO — B. Mathews	10,00
TORRE DAS SERPENTES — Jane G. Smith	4,00
A VIDA DE JOHN PATON	13,00
MANUAL DE HOMILÉTICA — G. Burt	10,00
HORAS SOCIAIS — Eunice S. Buyers	10,00
DESPERTAMENTO RELIGIOSO DE JOÃO WESLEY — J. R. Joy	4,50
GIGANTE DE PEDRA — N. Hawthorne	2,50
HISTÓRIA DO NOVO TESTAMENTO — Carter	8,00
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO NOVO TESTAMENTO — Ari B. Ferreira	6,00
NOS TEMPOS DE JESUS — Paul E. Buyers	7,00
ESCOLA BÍBLICA DE FÉRIAS — C. W. Clay	6,00
ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS — Otília O. Chaves	4,00
O CRISTIANISMO E AS IDEOLOGIAS DO MUNDO ATUAL Stanley Jones	10,00
"EU PORÉM VOS DIGO..." — J. A. Mackay	10,00
A CARREIRA CRISTÃ — Adolfo M. Correia	10,00
A MAÇONARIA E A IGREJA CRISTÃ — E. C. Pereira	12,00
MYRIAM — Huberto Rohden	8,00
PROBLEMAS DO ESPÍRITO — Huberto Rohden	10,00
POR MUNDOS IGNOTOS — Huberto Rohden	15,00
DE ALMA PARA ALMA — Huberto Rohden	15,00
LEÃO XIII E O DIREITO SOCIAL BRASILEIRO — Camilo Ashcar	15,00

TEMAS ESPIRITUAIS — Otoniel Mota 7,00

ERA UM POAIEIRO — Alfredo Marien 12,00

PERDEGANHA — Otoniel Mota 7,00

RECONSTRUÇÃO DA ORDEM SOCIAL — Eduardo P. Magalhães 10,00

A MARCHA DA MOCIDADE EVANGÉLICA — Eduardo P. Magalhães 8,00

★

UMA OPORTUNIDADE

A União Cultural Editora tem à venda "THE NEW INTERNATIONAL ENCYCLOPAEDIA" em 21 volumes, edição de 1908. (Em segunda mão, em bom estado) — Preço . . . . . Cr.$2.000,00

★

Faça, desde logo, o seu pedido a UNIÃO CULTURAL EDITORA

Caixa Postal, 203-A — Fone, 5-7499 — S. Paulo

E V. S. será prontamente atendido pelo *Serviço de Reembolso Postal*

A Voz dos Andes

Sintonize o seu receptor para ouvir a *"Voz dos Andes"*, a poderosa emissora do Equador.

Onda para o Brasil: — ondas curtas — 24 metros — 12.455 quilociclos.

Programa em português: todos os dias, das 8 às 8,45 horas da manhã.

PENSÃO
"NOSSO LAR"

Ambiente rigorosamente familiar - Comida gostosa e sadia

Direção da Família Mazzeo

Av. Presidente Wilson, 64

Tel. 2.654 — SANTOS

Dr. ANTONIO CAPOZI
Cirurgião-Dentista

Raios Ultra-Violeta, Infra-vermelho e Diatermia

Dentaduras Anatômicas - Bridges Móveis - Porcelana Fundida

Rua da Moóca, 1074

Fone 3-1887 — S. PAULO

O MARRECO DAS LOUÇAS LTDA.

Rua 24 de Maio, 432 e 438 - Tel. 29-0206 - Est. de Riachuelo

O sortimento mais completo e o melhor estoque de louças, cristais, brinquedos, eletricidade, cimento, madeiras, material de construção em geral, etc., etc.

Sempre, novidades! — Artigos de primeiríssima ordem!
Honestidade, quer nos preços, quer na qualidade de artigos!
Aguardamos sua visita quanto antes. Aquí estamos para servi-lo!

FOGAREIRO ELÉTRICO
SOCITE

AUXILIAR INDISPENSAVEL EM SEU LAR

- Baixo custo inicial
- Pequeno consumo de energia
- Resistência blindada
- Aquecimento rápido

NAS BÔAS CASAS DO RAMO

SERINGAS PARA TODOS OS FINS — MATERIAL CIRÚRGICO — ARTIGOS MÉDICOS, HOSPITALARES E PARA LABORATÓRIOS — CINTAS ORTOPÉDICAS — FUNDAS — MEIAS ELÁSTICAS, ETC.

CASA DAS SERINGAS

T. AGUIAR

AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 26

(Próximo ao Largo S. Francisco)

TELEFONE: 3-2802 — *S. PAULO*

I.C.R.

ORGÃO DO INSTITUTO DE CULTURA RELIGIOSA

JANEIRO DE 1946

AOS LEITORES — Por um acôrdo com a direção de "Unitas", o boletim do Instituto de Cultura Religiosa passará a ser publicado mensalmente nesta revista. Dêste modo poderemos manter sempre o contacto com os nossos prezados sócios, espalhados por todo o Brasil, dizendo-lhes o que vamos fazendo no sentido de apresentar ao nosso povo os princípios do Cristianismo positivo. Para esta iniciativa, solicitamos a simpatia dos nossos amigos e colaboradores.

REV. MIGUEL RIZZO JR. — Seguiu para os Estados Unidos, no dia 23 do mês p. p., o Rev. Miguel Rizzo Jr., Secretário-Executivo do Instituto. Percorrerá o Rev. Rizzo as maiores cidades da grande República do Norte, fazendo conferências e preleções sôbre o Brasil. Levará, dêste modo, ao povo ianque notícias do trabalho do Instituto de Cultura Religiosa, procurando articulá-lo com movimentos semelhantes que alí existem. Durante a sua ausência que se prolongará até Julho, o seu substituto no cargo de Secretário-Executivo do Instituto será o Rev. Paulo Pernasetti.

SR. SILAS GOMES DOS SANTOS — Faleceu no mês p. p., o sr. Silas Gomes dos Santos, antigo colaborador do Instituto. Trabalhou em nossa casa durante algum tempo dirigindo uma

campanha especial para elevar o número de sócios do Instituto. Ao encerrá-la, pôde apresentar um relatório impressionante, demonstrando que conseguira cerca de 1.000 sócios novos. Era êle filho do Rev. Matatias Gomes dos Santos, tendo nascido em 24 de Abril de 1903, no Estado de Minas. Casou-se com D. Celia Azevedo Santos de cujo consórcio deixou os filhos Roberto, Nadir e Renato.

Neste boletim, o Instituto presta a sua homenagem ao seu grande amigo Silas Gomes dos Santos e roga a Deus console os seus queridos.

NO "FELLOWSHIP" — No domingo, dia 9 de Dezembro — data que ficará assinalada na história da nossa organização — o Instituto iniciou o trabalho regular de conferências dominicais. Duplo é o nosso objetivo com êste trabalho: 1) — Manter contacto com os nossos sócios; 2) — Entregar ao nosso povo a mensagem do Instituto. Estas conferências se realizam todos os domingos às 15,30 horas no salão da "Fellowship Church", à rua Carlos Sampaio, 107, e que nos foi cedido gentilmente pela sua diretoria. Estamos contando com o apôio decidido de todos os sócios e a simpatia dos nossos amigos. Estando em S. Paulo, não deixe de assistir a reunião dominical do Instituto.

CAMPANHA DE 2.000 SÓCIOS — Está o Instituto empenhado durante o mês de Janeiro numa grande campanha para 2.000 sócios novos.

Prezado consócio : Que fez V. S. até agora para o êxito desta campanha? Lembre-se de que ela só terá sucesso se contar com o seu apôio. Não poderá V. S. devolver, preenchida, a proposta que recebeu?

No próximo boletim já daremos notícias da campanha.

* * *

Procure fazer, em cada mês, alguma coisa pelo Instituto.

A Luta pela
PERFEIÇÃO!
TEXTIL PAULO ABREU S. A.
S PAULO
ITATIBA

CASA FURTADO

DE JOSÉ FURTADO DE MENDONÇA

CASIMIRAS ★ LINHOS ★ BRINS ★ AVIAMENTOS

Vantajosa Bonificação nos Primeiros
Meses de Suas Novas Instalações

R. Anita Garibaldi, 227 - Pça. João Mendes - Tel. 2-7815

COMPOSTO E IMPRESSO NA EMPRESA GRAFICA EDITORA GUIA FISCAL
RUA INDEPENDENCIA 64 - TELEFONE 3-3307 - SÃO PAULO

Princeton Theological Seminary Library
1 1012 01471 8599
FOR LIBRARY USE ONLY.